a Cena muda

CINEMA e RÁDIO

- A CEGUEIRA DE GREGÓRIO BARRIOS
- AVA GARDNER AMA GREGORY PECK
- Os apelidos dos artistas de Rádio

N.º 45  7-11-52  Preço Cr$ 3,00





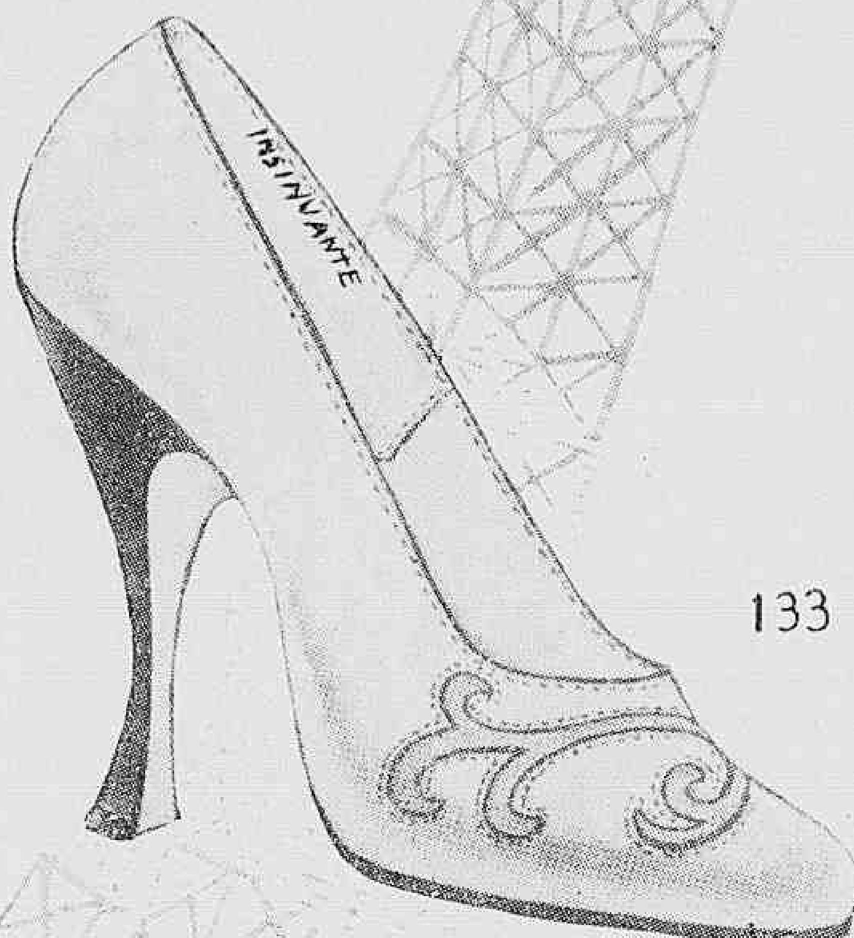
Torre Eiffel

o Sálto SENSACIONAL!

- Finissimo (TIPO AGULHA)
- Inquebravel.
- 8 centimetros de altura
- Uma maravilha



132



133

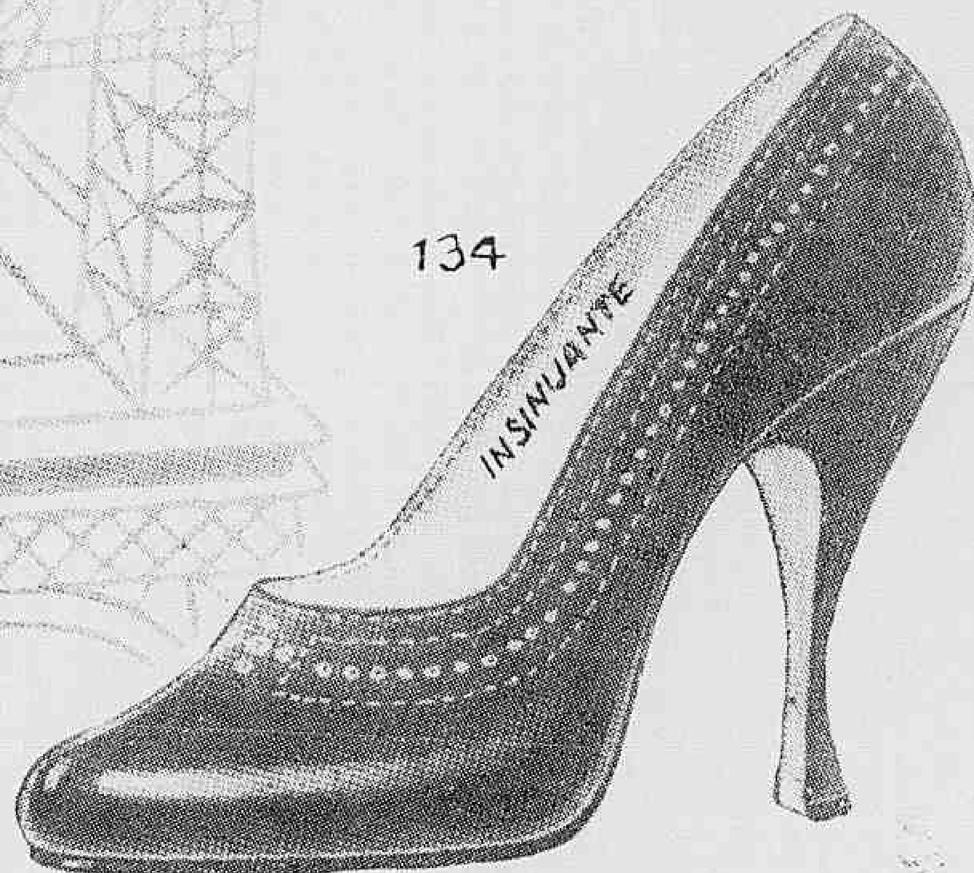
132 Cr$ 295,00 Luís XV 8 cm· "Um sapato que é uma jóia"

133 Cr$ 250,00 Luís XV 8 cm: "Uma verdadeira maravilha"

134 Cr$ 295,00 Luís XV 8 cm: "Um monumento de arte"

REMETEMOS PARA TODO O BRASIL • PORTE POR PAR, 5 CRUZEIROS • NÃO FAZEMOS REEM BÔLSO POSTAL

134



insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina e é tambem uma galeria a sua disposição com agua geladinha sempre ás suas ordens.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

AT. SEMOG

LEVY KLEIMAN

apresenta em



CINEMA

Reportagens Especiais

A Vera Cruz deseja boas histórias, de Alberto Dines .... 4 e 5
John Ford realiza um sonho..... 11
Ava Gardner ama Gregory Peck, em «As Neves de Kilimanjaro». 18 e 19

Cine-romances

A morte do Caixeiro Viagante (Final) 12
Matar ou Morrer 14
Pecado .... 16 e 17

Seções Permanentes

Cinema: Arte ou indústria? (Comentário) 3
Estréias no Mundo do Cinema... 6 e 7
Telas da Cidade .... 8 e 9
Notícias e Comentários do Cinema Nacional 10
Cine-Mundial 13
O que a Tela não mostra 15
A Cena Responde e Cine-Crítica do leitor 20

RÁDIO

Reportagens Especiais

A Cegueira de Gregório Barrios, brincadeira de mau gôsto . . . 21, 22 e 23
Raul Brunini locutor classe «A». 24
Elizete Cardoso, Medalha de Ouro em danças .... 25 e 26
Os artistas de rádio também têm apelidos .... 27 e 28

Seções Permanentes

Disse-me-disse, Daqui, dali, dacolá, Pontos de Vista, e Vale a Pena Saber 24

Música Popular

Chacrinha Musical, de Abelardo Chacrinha Barbosa 29
Para Você Cantar 30

Rádio-Novela

As Rosas de Maria Angélica, de José Fernandes (10º capítulo) 31 e 32

Página Sentimental

Quando Fala o Coração e Rádio-Social 33

Fotos

Alberto Ferreira Lima, Vera-Cruz, R. K.O., Republic, Fox, Columbia, United Artists, Pel-Mex, Warner Brothers, Paramount e Jaraguá.

COMENTÁRIO

CINEMA:
ARTE OU INDUSTRIA?

O Cinema é uma indústria? O cinema é arte?

São estas as distintas posições que assumem os que estudam ou fazem cinema.

Entretanto, em países em que ambas as facetas acham-se fortemente desenvolvidas, o binômio pode desfazer-se, permitindo a que se faça Indústria e Arte, paralela mas distintamente. É o caso dos Estados Unidos e de outros grandes centros cinematográficos, onde a existência de uma forte indústria, pressupõe um grande desenvolvimento dos meios técnicos e formais, que provoca uma necessidade de procurar, de melhorar, redundando numa necessidade de fabricar bons produtos ao lado daqueles feitos em série, às centenas.

Mas é exatamente em países onde a indústria é incipiente, onde o cinema engatinha, que o binômio torna-se mais coeso e indivisível. A sua desintegração nestes países, e o Brasil é um típico exemplo, acarreta lògicamente a debilidade e a posterior morte da faceta preferida, logo seguida da outra.

Se pensarmos em fazer no Brasil sòmente indústria, sem nos preocuparmos em fazer "bons produtos", (o que já significa dar um cunho de Arte), a indústria perecerá por falta de mercado e compradores.

Se, por outro lado, nós nos preocuparmos exclusivamente em fazer Arte, como o aspiramos ardentemente, ela nunca passará das duas ou três primeiras obras.

O caminho que resta seguir nesta histórica etapa do cinema nacional, é equilibrar a Arte com a Indústria. É procurar produzir ao máximo, para que se crie assim um background de realizações, para que se crie, no público, uma mentalidade para a aceitação de nosso cinema, e para que se adquira maturidade de realização.

É imprescindível, entretanto, não esquecer de exigir um nível mínimo em nossas obras. É preciso que façamos, de fato, obras e não aquêles mostrengos intragáveis que estamos acostumados a ver, assinados por diretores nacionais.

E a síntese perfeita (dentro do que já alcançamos), a dose exata, nos indica o cineasta Alberto Cavalcanti com a sua obra "SIMÃO, O CAOLHO". Um produto industrial, acessível a todos, sim, mas uma OBRA, talvez a primeira feita até hoje no Brasil.

ALBERTO DINES

NOSSA CAPA

Ava Gardner e Gregory Peck, astros da melhor producão da Fox para 1952, "The Snows of Kilimanjaro", do qual apresentamos uma interessante reportagem na dupla central.

EXPEDIENTE

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Diretor-presidente **Gratuliano Brito** — Assistente **Renato de Alencar**
Chefe de Publicidade: **Severino Guimarães**
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil
TELEFONES:
Redação 22-4447
Administração e Publicidade 22-9570
Gerência 22-8647
Contabilidade 22-2550
Portaria 22-5602
Endereço Telegráfico: REVISTA
Distribuição e Publicidade em São Paulo: AGÊNCIA ZAMBARDINO, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1596

PREÇO e ASSINATURA

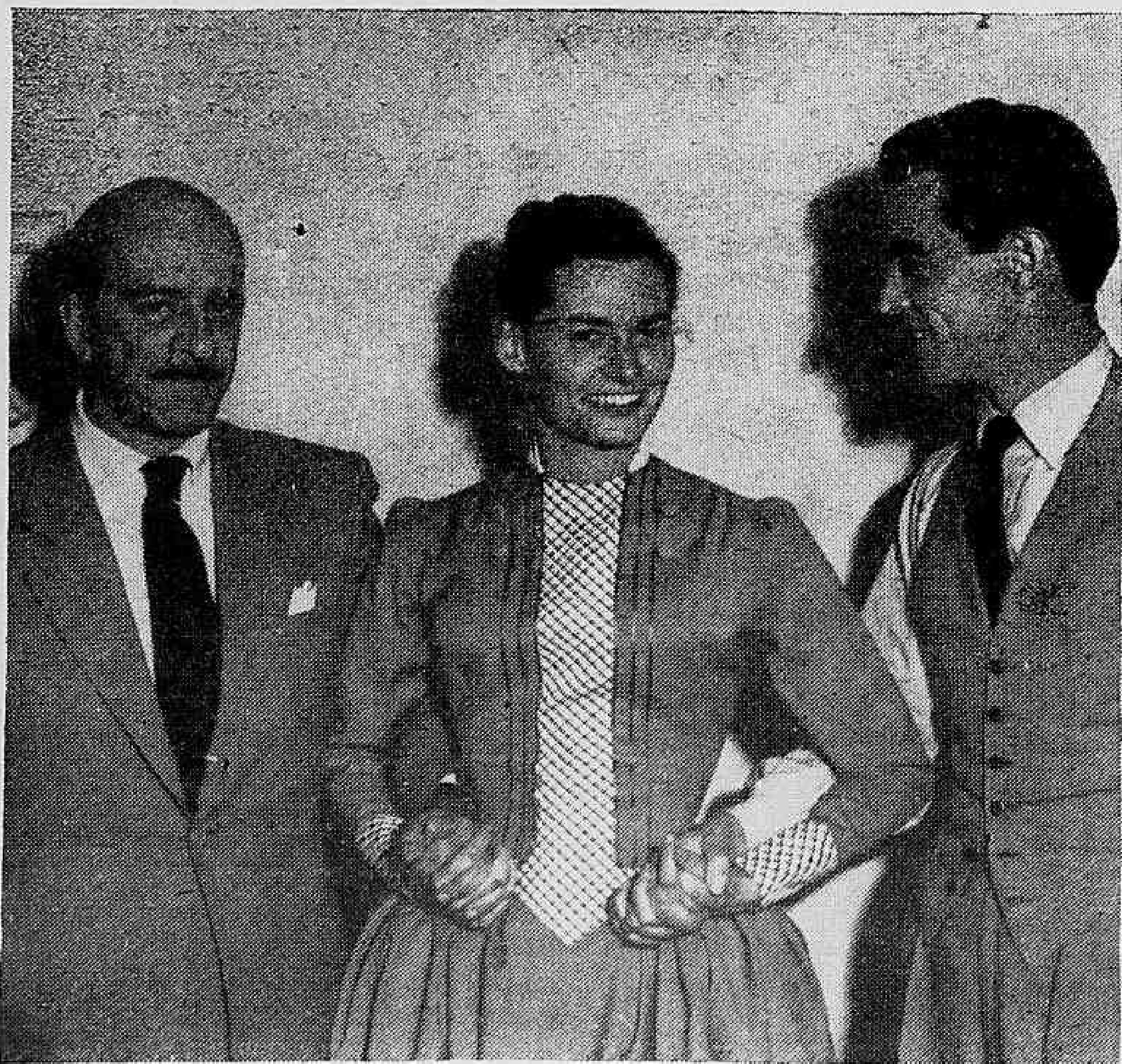
Número avulso em todo o território nacional	Cr$	3,00
Assinatura anual (52 números).	Cr$	150,00
Assinatura semestral (26 núm.)	Cr$	75,00
Assinatura anual sob registro..	Cr$	180,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$	90,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$	280,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$	140,00
Número atrasado	Cr$	4,00



A bela e expressiva fotografia de Chick Fowle, valoriza a obra de Lima Barreto, «O Cangaceiro». Dizem que o filme segue os princípios eisensteinianos de composição

A VERA-CRUZ DESEJA BOAS HISTÓRIAS

Reportagem de ALBERTO DINES



Osvaldo Sampaio, Eliane Lage e o seu marido Tom Payne antes de começar a filmagem de «Sinhá Moça»

A intenção não é de recontar tudo aquilo que todos já sabem sôbre a Vera Cruz. Não pretendemos falar sôbre as ótimas instalações da produtora, nem intentamos bisbilhotar sôbre as atividades mundanas cinematográficas da capital paulista.

APRENDENDO A NARRAR

E' Cavalheiro Lima, o diretor do departamento de divulgação da Vera Cruz, quem nos atende inicialmente. E' êle quem nos põe em contato com a realidade da Vera Cruz e justifica suas realizações anteriores.

— Estamos na fase de aprender a contar uma história. Estamos aperfeiçoando nossos meios técnicos de expressão. Estamos adquirindo experiência e a maturidade no utilizar a forma específica cinematográfica — diz êle.

E, de fato, analisando as realizações anteriores da Vera Cruz perceberemos e constataremos que a Vera Cruz caminha para alcançar esta invejável posição de poder narrar uma história.

Parece, inclusive, que a direção da produtora começa a se interessar mais pelo conteúdo de suas obras. Conteúdo êste que, mesmo justificado como acima o foi, não admite obras tão falhas de «miolo» como o foram as obras últimas da Vera Cruz.

«Cangaceiros», argumento que Lima Barreto prepara há sete

anos, promete ser a maior obra do cinema brasileiro. Aborda um tema orgânicamente brasileiro, aborda um problema essencialmente nosso, sem hibridizações, como foi o caso de «Terra, Sempre Terra», «Tico-Tico no Fubá» e outros.

Entretanto, a par da honestidade de escolher um local que muito se assemelhe ao nordeste, onde se passa a história, reside uma desonestidade artística de não aproveitar o próprio nordeste, deixando de captar assim a atmosfera que rodeia a trama, deixando de captar a realidade que já existe e não precisa ser artificialmente sugerida.



Waldemar Wey e Gilda Nery a dupla da comédia «Uma Pulga na Balança», sob direção de Luciano Salce

FALTAM ARGUMENTOS

— Precisamos de argumentos — clama Fernando de Barros. — Sem argumentos convincentes não adianta construir uma indústria que tem por objetivo único e exclusivo, explorar a realização e a confecção de obras.



Tom Payne, falando com algumas extras em «Sinhá Moça», verdadeira super produção da Vera Cruz

E' claro que para conseguir um público de fregueses um industrial precisa oferecer bons produtos. E o argumento é a matéria básica para o fabrico do produto cinematográfico.

— Temos recebido quatro a cinco argumentos por semana, informaram-nos no departamento especializado da Vera-Cruz.

— Mas de nível visìvelmente inferior à mais barata radionovela — completa alguém.

Mas já que os nossos cenaristas ainda não descobriram o que retratar e o que captar dêste vasto manancial de histórias e de Arte que é o Brasil, podiam os nossos realizadores voltar-se para o aproveitamento de nossa literatura. Preferìvelmente a moderna, riquíssima, e que não obrigaria a custosas reconstituições históricas.

PLANOS

A Vera Cruz tem prontos: — «Uma Pulga na Balança», «Veneno». Em filmagem: «Cangaceiros» e «Sinhá Moça». Em preparo: «Luz Apagada». Em planejamento:

— Mais um filme com Mazzaroppi, o terceiro da série iniciada por «Sai da Frente». Argumento e direção de Abílio Pereira de Almeida.

— «Rua do Novo Mundo», argumento e direção de Rudgero Jacobi, abordando o tema da imigração italiana.

— «Voz do violão», título registrado por Fernando de Barros para filmar a vida de um seresteiro. E' provável que seja a de Chico Alves. Não há ainda história.

GENTE NOVA

A pergunta se a Vera Cruz pretendia aproveitar em seus quadros de realização gente nova, brasileira, gente que ainda não conhece as formas erradas de fazer as coisas, respondem-nos incisivamente, com uma outra pergunta que nos deixa meio atordoados:

— Há tantos «velhos» assim no cinema brasileiro?



Anselmo e a estonteante Leonora Amar, numa cena do policial «Veneno»



Joan Crawford diz a Jack Palance, seu marido no filme, que não pode acompanhá-lo na viagem. Cena de «Precipícios da Alma», da R.K.O.



Jack Palance brinda seu casamento com Joan Crawford, enquanto Glória Grahama, Touch e Bruce Bennet o observam com interêsse. Cena de «Precipícios da Alma» em que Joan Crawford tem um dos mais vigorosos papéis de sua carreira

"SUDDEN FEAR" (Precipícios d'Alma) — R. K. O.

Há mais de dois anos que Joan Crawford celebrou suas bodas de prata de cinema e ainda continua a enfrentar os refletores com a ambição e o entusiasmo de uma "new-comer". Apenas, a atriz se estereotipou em um gênero de filmes em que deve ser sempre uma mulher de caráter forte, de vontade forte, dominadora, arrogante, com uma "classe" que lhe vai magnificamente bem, mas que limita demasiado o raio de ação de seu arquicomprovado talento. "Precipícios d'Alma" é exatamente o filme que se espera de Joan Crawford e — mais interessante — de Joan Crawford tal como queremos que ela seja e se comporte. Entregaram-lhe à vivência o papel de uma dramaturga milionária, Myra Hudson, que quer excluir Lestes Blaine (Jack Palance) de sua nova peça, sob pretexto de que êle não é bastante romântico para o tipo idealizado. Simultâneamente entram em jôgo certos fatôres sentimentais e o resultado é que ela deixa-se cair perdidamente de amor pelo ator. O romance toma uma direção inesperada quando se torna patente ser o noivo um oportunista que visa ùnicamente os milhões de Myra. A insinceridade da amizade de Lester oculta mal os seus planos de matar Myra, ficar com seu dinheiro e depois unir-se a Irenne Neves (Gloria Grahame), seu verdadeiro amor.

Prognóstico: O filme tanto poderia ter sido uma comédia irônica co-

Estréias no MUNDO do CINEMA



Um dos momentos épicos de «Camicie Rosse», com Anna Magnani no papel da heroína Anita Garibaldi

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volu-volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Aquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00



Anna Magnani e o bode. Incidentalmente o caprino também figura em «Camicie Rosse»

mo um drama passional. Será um drama passional com muito "suspense" e Joan Crawford, elementos mais do que suficientes para sustentar um filme.

"CAMICIE ROSSE" — filme italiano

Garibaldi e Anita. Dois nomes legendários, dois nomes de epopéia. O diretor Adessandrini arrancou-os das páginas da História para torná-los duas personagens vivas e reais. Duas figuras que vivem, amam e sofrem revividas num filme que se esforça para colocá-las bem próximas da realidade e um tanto distanciadas do heroísmo fácil para

(Cont. na pág. 34)



Anna Magnani e Raf Vallone nos papéis de Anita Garibaldi em «Camicie Rosse»

COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas Livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.



CHAGA DE FOGO

(DETECTIVE STORY)

É William Wyler, junto com Joseph Mankiewicz, um dos diretores que mais têm contribuido para ampliar, aprofundar e dinamizar a realização cinematográfica com meios e formas tipicamente teatrais.

Deram êles (e tôda uma série de diretores, sobretudo, Visconti e nova escola italiana), algo de que o cinema começava a carecer, quando, conduzido sectàriamente (e o sectarismo, mesmo o estético e antiartistico) começou a se tornar estanque, independente das outras artes.

(Estudando a história da Arte, veremos que cada nova manifestação artistica, a ópera, o ballet, surgiram e se tornaram fortes graças ao aproveitamento dos elementos básicos e seculares da arte — a sua própria essência — mas captados pelos meios específicos e novos. Assim, os oratórios modernos como os de Stravinsky, não se desfazem da declamação, do teatro, do ballet, e da ópera, e o ballet moderno não se desfaz da música, apesar de que nêle o gesto já é algo que pulsa independente e desligado).

Assim, Wyler aproveitou o "pan-focus" redescoberto por Orson Welles, despiu-o das finalidades puramente estéticas e de adôrno que aquêle vigoroso e inquieto cineasta deu a "tomada em profundidade". Wyler fêz da "tomada em profundidade" o meio que possibilita traduzir para o cinema (de uma forma *especifica e diferente*), os diversos planos de ação na marcação teatral.

Assim, numa só tomada êle capta a ação e a reação (ou ações e reações), evitando o desdobramento pela decupagem em diversos "takes" complementares, reduzindo a montagem à mínima expressão. Paralelamente, esta técnica estilística faz com que cada "take" em particular, e a obra tôda em seu conjunto, seja regorgitante de *ação interior* em oposição aos filmes de *puro cinema*, de ação tipicamente *exterior*.

Na peça teatral de Sidney Kingsley, "Detective Story", Wyler teve a oportunidade e a possibilidade de elevar o seu estilo de mero recurso formal, para incorporá-lo organicamente na própria estrutura arquitetônica da obra. A história passa-se tôda numa delegacia de Manhattan, para onde convergem diversas personagens, cada um com sua história. Aqui, pois, a tomada em profundidade, em vez de captar sòmente ações e personagens diferentes, capta diversos planos de Drama. O "long-shot", é a arma predileta de Wyler e, com a qual, êle manobra maravilhosamente no sentido de captar a simultaneidade de histórias. O "close-up" é virtualmente desprezado, excetuando-se o momento quando as histórias paralelas mantêm-se num *pianissimo* orquestral permitindo que a história central vivida por Kirk Douglas e Eleonor Parker assuma côres e fôrça de *solo executado* com brilhantes "close-ups". *(Continua na pág. 34)*



TELAS DA

TERRAS DO NORTE

O filme não prometia nada. Tudo indicava um mero cumprimento de rotina. O anunciado desenho animado de Tom & Jerry foi uma decepção. Além de sem graça, êle perdeu aquêle tom otimista com que culminavam aquelas correrias e perseguições, quando então gato e rato confraternizavam amigos. Aqui, o desenho é sadismo puro, com uma implicita justificação da guerra e da bomba atômica, quando o ratinho exclama ante a decapitação do gato inimigo: "— C'est la guerre!"

Mas apesar de tudo que o rodeava, o filme foi uma pequena surprêsa.

A iniciar pela localização da história, o filme já foge ao lugar comum. Já há muito tempo, que não viamos um filme que se passasse naquelas belíssimas regiões do Canadá (que quando mostradas dão na gente uma bruta vontade de largar êste sórdido e negro asfalto e passar o resto de nossa vida à margem de um daqueles maravilhosos lagos... um cachimbo... bons livros... papel para escrever alguns argumentos para cinema... e uma... bem, uma...)

Mas o caso é que o filme todo é uma fuga ao chavão. E uma fuga bem sucedida, não há dúvidas.

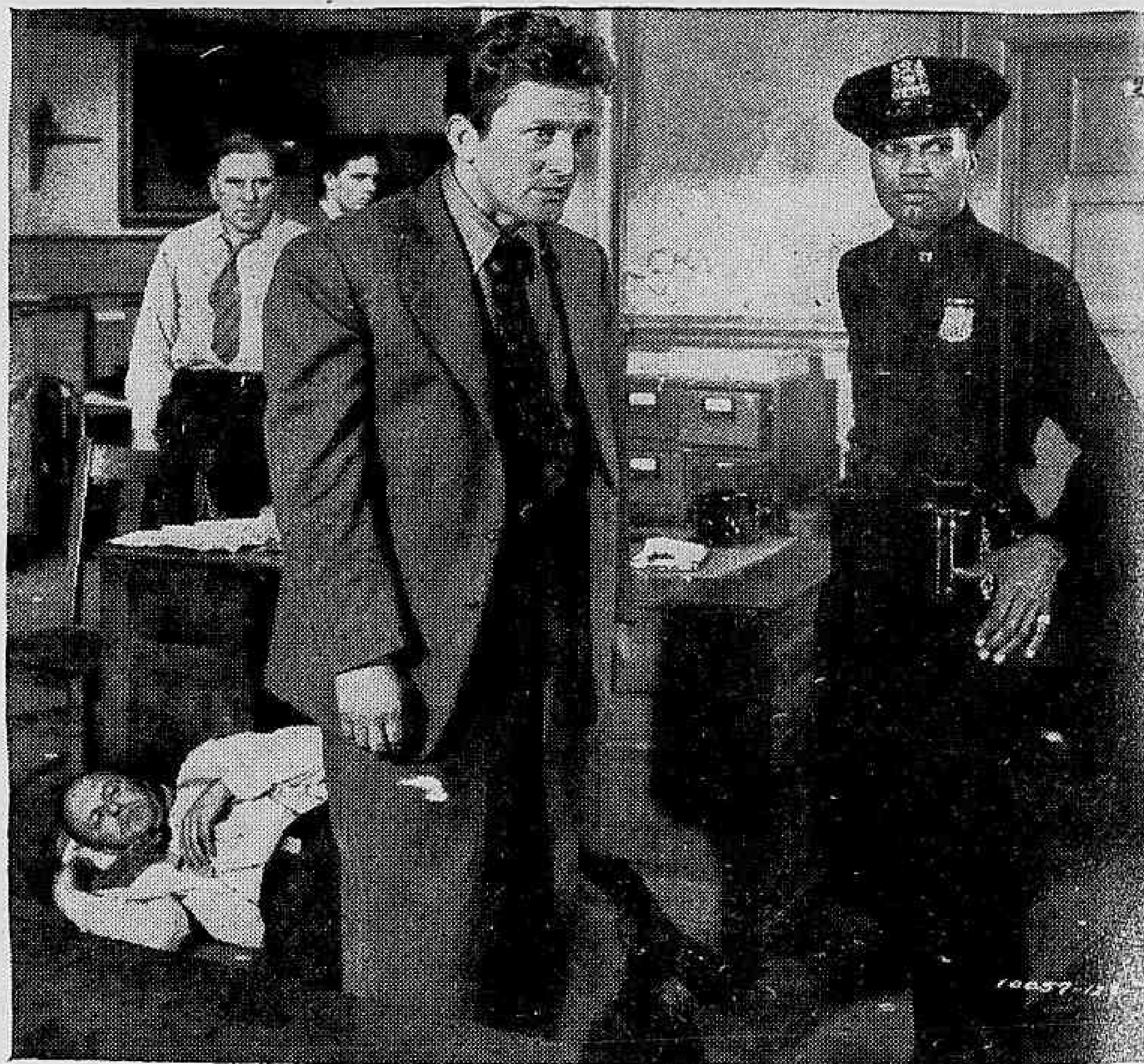
Utilizando poucos personagens, os cenaristas e diretor, concentraram-se nas duas figuras centrais, desenhando-as muito bem, construindo-se a base de uma linha psicológica coesa, sem tropeções e quedas. Muito contribuiu para isto o bom desempenho de Stwart Granger e Wendel Corey, dois semi-canastrões e que aqui têm ótimas performances, interpretanto naturalmente, espontâneamente.

Cenaristas e diretor, fizeram desta história do Policia Montada que persegue um criminoso, uma história com sabores das de Jack London, uma daquelas novelas de aventuras mas em cujas situações há muito de Filosofia, há muito de verdade, há muito de *tese*.

Há mesmo neste "Terras do Norte" momentos em que ficamos agradàvelmente surpreendidos. Com muita sutileza foi colocado o problema da J u s t i ç a, implacável em perseguir mesmo inocentes, e logo retirado, mas deixando na bôca do espectador o gôsto de seu vazio e de seus erros.

Com alguns momentos de bom humor, que não deixam de ter suas intenções irônicas, o filme tem de tudo, desde uma pequena briga, uma impressionante luta contra os lobos, até um puro e cândido amor de Stewart Granger com Cyd Charisse (esta numa rápida e discreta aparição).

O filme em seu conjunto é uma destas gostosas histórias que nas noites frias atentamente lemos e depois, gostosamente esquecemos quando o sono e os sonhos nos invadem.



O "MATA SETE"

Não se pode deixar de dar valor ao cômico Mário Moreno, o popular Cantinflas. O próprio Charles Chaplin não deixou de dirigir a seu respeito alguns justificados elogios. E o valor de Cantinflas reside no fato de ter êle criado um tipo nacional, o vagabundo mexicano.

Seu humorismo baseia-se quase que exclusivamente na palavra, naquela forma de despejar milhões de palavras num minuto só. Seu humorismo tem pouco de **plástico**, de **imagem**, em oposição ao de Carlitos, que prescinde totalmente da palavra, ou usando comparações menos inacessíveis, ao de Danny Kaye, que é um mímico de primeira qualidade.

Mas, apesar disto, os filmes de Cantinflas não deixam de fazer rir. Muitos dêles até têm um pouco de poesia, mas logo abafada por uma situação «mexicanamente» hilariante.

Neste filme em especial, percebem-se grandes sátiras, sobretudo quando Cantinflas imita e ridiculariza a «melosidade» dos cantores de bolero, que as platéias brasileiras, inclusive, divinizam.

Apesar das situações, apesar do gênero, «Mata Sete» arrasta-se, chegando algumas vêzes à monotonia.

Mas as platéias esbaldam-se. Saem do cinema prontas para outra dose de adversidade.

CIDADE

A. DINES

UMA AVENTURA NA ÁFRICA

(THE AFRICAN QUEEN)

Quem citar os maiores cineastas da atualidade, não poderá deixar de incluir o nome de John Huston, filho daquele falecido ator Walter Huston.

Todos, sem dúvida alguma, lembram-se de "Tesouro de Sierra Madre" e de "Segrêdo das Jóias" (Asphalt Jungle), êste grandioso neo-realista, verdadeira sinfonia dramática a quem igualmente poderíamos intitular de "Uma Tragédia Americana". Huston fêz de "Segrêdo das Jóias" uma das obras máximas no retratar, não só o gangsterismo, mas o solo no qual êle germina e floresce — o asfalto. Solo em que as flores já nascem murchas, condenadas a morrer, condenadas a federem, condenadas a se desfolharem e perderem-se ao vento. Huston conseguiu pintar os Homens murchando, os homens fedendo, sendo levados pelo vento e morrerem.

Mas agora nos surge Huston, com uma obra que é uma pequena maravilha, uma deliciazinha. Um "divertissement", como o classificaram na França. Aquilo que, de fato, a gente precisa: um pouco de otimismo, um pouco de pureza, um pouco de sinceridade, um pouco de confiança, para que, também nós não afundemos neste torvelinho invisível mas poderoso que nos rodeia.

Huston fêz um pequeno "minueto". Terno. Delicioso. Indelével. Mudando completamente de estilo, utilizando um tema completamente diferente, Huston põe a mostra sua grande sensibilidade e, se esta falta, sua grande habilidade. Fêz uma pequena obra prima.

Fêz de uma novela de aventuras de Forrester, uma jóia que todos gostaríamos de carregar. Huston, mestre no mostrar a sordidez que coabita no coração humano, indicou o que é Amor, o que é ternura. Fêz destas peripécias de um homem e uma mulher num pequeno barco, algo que nos transpõe aos dias em que a nossa fértil imaginação infantil ficava a sonhar com aquelas aventuras semelhantes. Ao mesmo tempo, Huston nos traz de





volta aos dias de hoje, quando no meio da pequenez de sentimentos, sonha-se com um amor daqueles.

Não há que fazer reparos nem narração, nem no tratamento, nem no ritmo, tudo é perfeito.

Há que registrar entretanto, a magistral (dêm-nos adjetivos mais vigorosos!) interpretação do par central Katherine Hepburn e Humphrey Bogart. Interpretando quase sem nenhuma maquilagem êstes dois grandes atores, mostram que a beleza vem de dentro imanentemente. Bogart, em geral vivendo tipos maus, surge aqui envolto numa simpatia irradiante, num delicioso ar bonachão. Katherine Hepburn, surge pela primeira vez bonita. Mas de uma beleza, que se torna maior, majestosa e serena a medida que ela começa a amar e ser amada. Robert Morley, numa rápida aparição, mostra-se um dos grandes atores da atualidade.

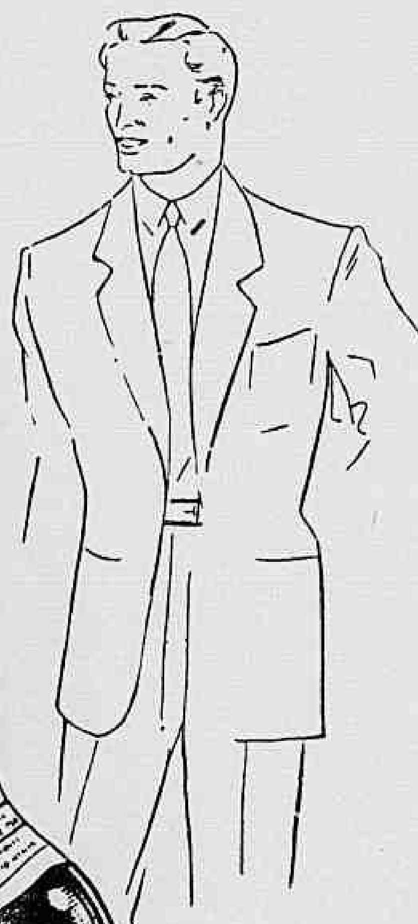
O filme é uma dessas baladas suaves e dolentes, que alguém, um cachimbo a bôca, numa destas acolhedoras casas, conta ao pé da lareira para os netinhos atentos.





Cena de «Sombra e Água Fresca» da Jaraguá Filmes, com Torresmo & Fuzarca (Martin & Lewis do Brasil), e mais Liana Duval e Maurício Barros, a ser lançado breve pela Cadef






ÁGUA INGLÊSA
GRANADO
• Aperitiva
• Tônica
• Fortificante


Notícias e comentários do Cinema Nacional

Por JUSTUS

FOGO NA ATLANTIDA

Enquanto muita gente, como habitualmente o faz, ligava o sábado com o domingo, numa deliciosa fusão, irrompeu violento incêndio nos estúdios da Cinematográfica Atlântida, destruindo completamente suas instalações Os prejuízos causados foram, segundo noticiou a imprensa, de 20 milhões de cruzeiros. O velho vigia do prédio, um octogenário, morreu carbonizado.

Entretanto, o susto que nos dominou, logo que soubemos da notícia, passou logo: «Amei um Bicheiro» e «Três Vagabundos» (sôbretudo o primeiro, dirigido por Ileli e Wanderley) não sofreram danos.

O José Lewgoy quis combater as chamas. Êle ficou desesperado, pois em seu camarim estavam todos os diplomas que êle alcançou com seus desempenhos anteriores. Oscarito, também presente, quando se combatia o fogo, disse uma frase triste:

— «E' doloroso ao artista ver a sua Casa ser destruída.»

E assim a cinematografia carioca, que já era minguada fica mais minguada ainda. Esperamos que Luís Severiano Ribeiro ponha imediatamente mãos à obra e construa novos e modernos estúdios para sua organização.

A FLAMA INCOERENTE — Além de sua incoerência para com o «slogan» assumido, a Cinematográfica Flama vem cometendo alguns outros que a comprometem bastante. Foi a Flama uma das que mais prestigiou o I Congresso Nacional do Cinema Brasileiro e a sua delegação foi uma das que mais se bateu pela realização de filmes **brasileiros**. E agora, estudando a programação próxima desta produtora, percebe-se que o seu filme «Rua Sem Sol», é de autoria de um dramaturgo argentino, Casona, que nunca poderá escrever um argumento verossìmelmente nacional e local sôbre a Lapa, e que, também o argumento de seu filme «Departamento de Suicídios» é de autoria de um estrangeiro. Desta vez é um mexicano que escreverá uma história sôbre o mais brasileiro dos assuntos brasileiros: o carnaval. O problema da autenticidade nacional será resolvido com a hábil enxertia dos números musicais... COERÊNCIA, senhores.

★

SEVERIANO DE PARABÉNS — O crítico atento e o estudioso alerta, notará que os jornais da Cinegráfica São Luís melhoraram sensìvelmente nestes dois últimos meses. Adquiriram um maior e mais dinâmico cunho jornalístico, desde as manchetes até à escolha dos assuntos e a forma de tratá-los. O sr. Severiano Ribeiro percebeu que não adianta só estar com a faca e o queijo na mão. E' preciso cortá-lo. E a Cinegráfica parece prometer que o cortará em deliciosas fatias. Parabéns.

★

«BLUFF» NA INAUGURAÇÃO — O fato é de pequena importância, atinge dèbilmente a poucas pessoas, mas precisa ser citado para que aprenda. Foi inaugurado o cine PAX, na semana passada, sendo prometido que seria exibido em «première» o filme de René Clair, «A mulher e o diabo». A crítica ávida, não deixou de comparecer à cerimônia e agüentar um chatíssimo discurso sôbre as atividades da Ação Social Franciscana, que é a proprietária do cinema. Apagaram-se as luzes, o Cardeal retirou-se, e todos pensamos que iríamos ver a obra de Clair. Passou um jornal, depois um outro, estrangeiro, depois mais um nacional, um «short» italiano, as luzes acenderam-se e vimos que já eram 23 horas. Umas «garçonettes» ofereceram champanha e biscoitos e percebemos que sairíamos sem ver a obra de Clair. E de fato saímos reverberando contra esta chantagezinha de que fomos vítimas. Péssimo início.

Há muitos anos que o produtor-diretor John Ford, de nacionalidade irlandesa, desejava filmar a maravilhosa obra de Maurice Walsh intitulada «The Quiet Man». Trata-se da história de um grande pugilista irlandês, residente nos Estados Unidos, que involuntàriamente mata um adversário numa renhida luta de box e, com a consciência atormentada, resolve regressar à sua terra natal em busca de paz e tranqüilidade.

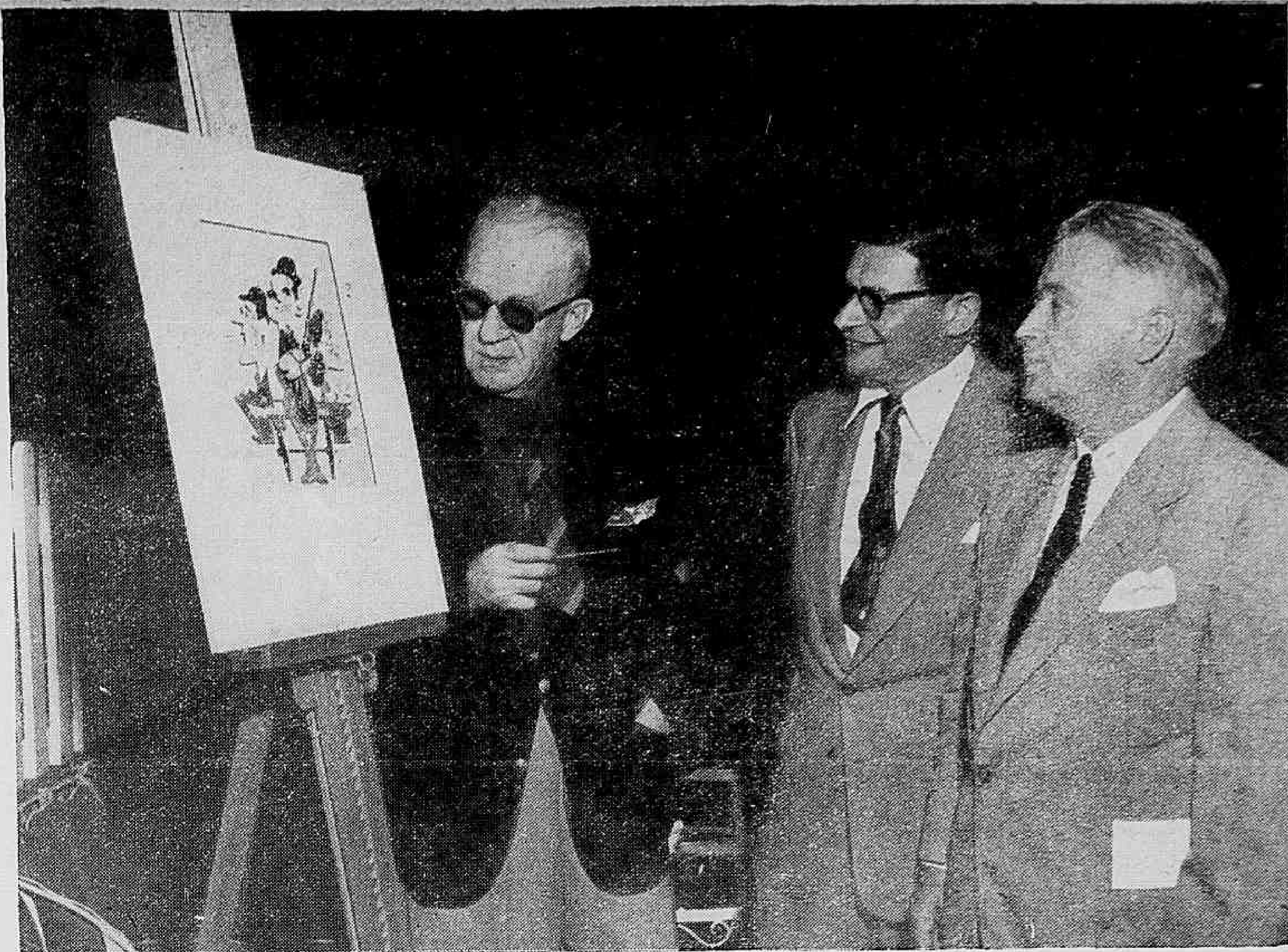
Finalmente agora, depois de tantos anos, Ford conseguiu concretizar os seus sonhos graças aos entendimentos feitos com o sr. Herbert J. Yates, presidente da Republic Pictures. Essa película, que conta em seu elenco com «astros» e «estrêlas» como John Wayne, Maureen O'Hara, Barry Fitzgerald, Victor McLaglen, Ward Bond, Mildred Natwick e centenas de coadjuvantes, foi filmado em belíssimo tecnicolor e, não só custará aos estúdios da Republic mais do que qualquer outra película já filmada por essa Companhia, como também figura entre as mais dispendiosas já realizadas por qualquer outra produtora cinematográfica.

Cêrca de 80 técnicos da Republic Pictures foram obrigados a ir de Hollywood para a cidade de Cong, na Irlanda, e foi necessário contratar 200 coadjuvantes dessa cidade e de Galway para participarem da película, além de numeroso elenco que permaneceu na Capital do Cinema para as filmagens de estúdio. E' que as cenas exteriores foram filmadas na Irlanda e as interiores em Hollywood, sendo, para isso, construídos vários cenários representando certos trechos da cidade de Cong.

A maioria dos astros e técnicos da película estêve durante todo o tempo junto de John Ford; todos êles sentem uma profunda admiração por êste dinâmico diretor, possuidor de um espírito satírico, de uma inteligência brilhante e de grande competência que, há vinte anos atrás, deu a primeira grande oportunidade a John Wayne de triunfar no cinema.

— «Agora já sei porque é que John

(Cont. na pág. 34)



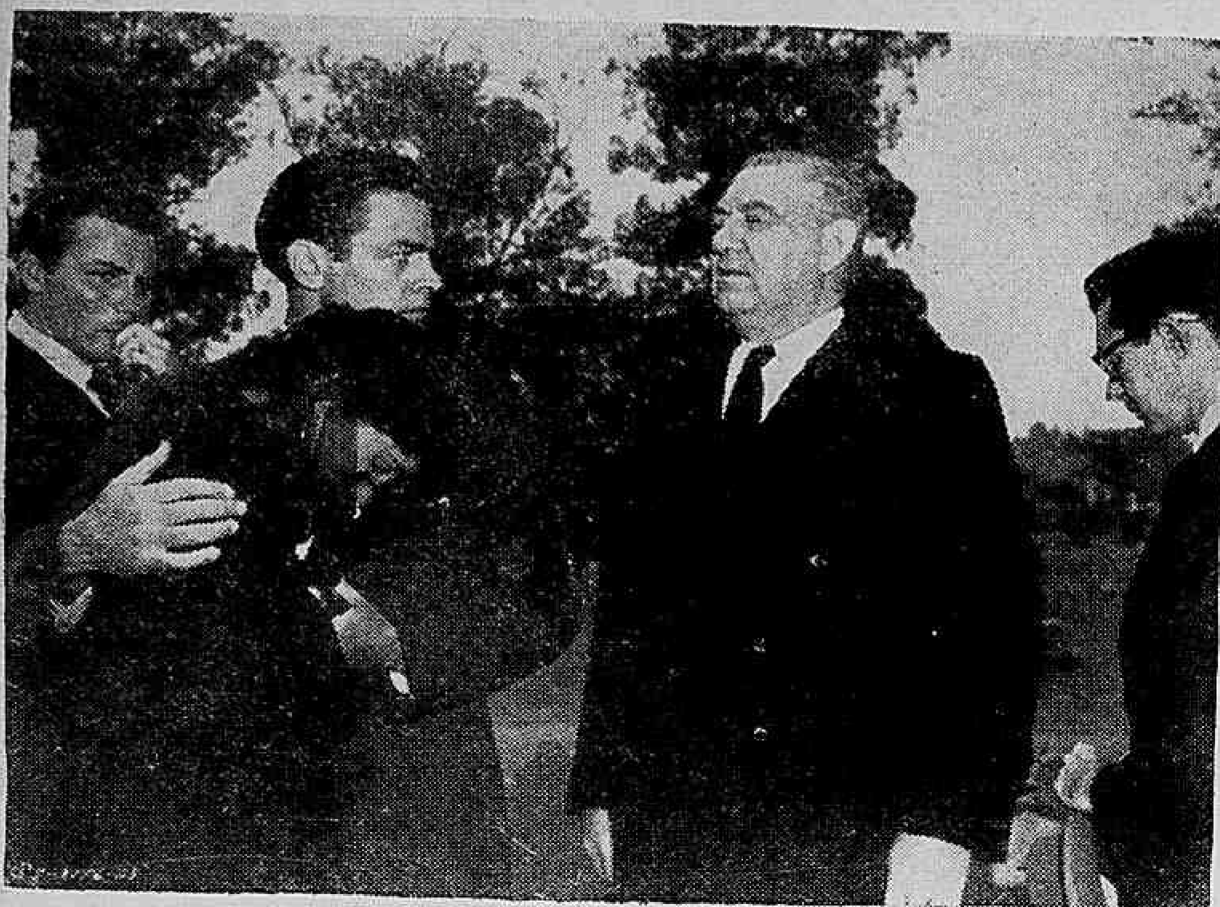
John Ford, o famoso diretor que por três vêzes consecutivas já conquistou o «Oscar» da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood foi, recentemente «convidado de honra» numa recepção que teve lugar na «Essex House», em New York, onde concedeu uma entrevista coletiva à imprensa local e estrangeira sôbre a sua mais recente realização, «Depois do Vendaval» (The Quiet Man), película que conquistou o primeiro lugar dentre as norte-americanas apresentadas no recente Festival de Veneza. John Ford admira uma caricatura, da autoria do artista Kaprilik, dos principais astros de «Depois do Vendaval» — John Wayne, Maureen O'Hara e Barry Fitzgerald — publicada na revista «Pictorial», que foi representada na festa pelos jornalistas Lester Byck e Gene Brockhaven, que vemos também na foto

JOHN FORD REALIZA UM SONHO

Dirigindo "DEPOIS DO VENDAVAL" (THE QUIET MAN)



Quando se encontrava na Irlanda dirigindo «Depois do Vendaval», vemos o diretor John Ford observando o ensaio de um grupo de cantores irlandeses para uma cena dêsse discutidíssimo filme



Cine-romance

A MORTE DO CAIXEIRO VIAJANTE

(Conclusão)

"Não, não posso fazer isso. Há vários anos, Oliver me despediu por roubar de sua loja material de basquetebol. Agora, eu roubei-lhe a caneta, o que vem confirmar suas impressões sôbre minha pessoa. Não posso encará-lo novamente."

Willy levantou-se num fincapé. "Você está cuspindo na minha face!"

"Sente-se, papai." Happy procurava acalmá-los. Mas Willy caminhou esquivando-se. "Vou ao lavatório. Onde fica a porta?"

Havia água fria correndo da torneira e com ela lavou o rosto. *Boston* — êle conservava na mente aquelas palavras, *naquele tempo quando Biff voltou de Boston*... Primeiramente, Willy tinha pensado quem estaria batendo na porta errada. Tentava conseguir que a mulher não se incomodasse com isso e fôsse tomar um "drink". Quando êle a tinha nos braços novamente, as batidas começaram como antes. Isso a fêz nervosa. Tão nervosa que êle teve que prometer que iria responder, para ver quem era. Logo que ela se dirigiu para a porta do quarto contíguo, êle abriu. A pior coisa que poderia esperar seria a presença do empregado. Mas, era Biff quem estava lá.

"Por que você não respondeu?", perguntou Biff. "Era eu quem estava batendo."

"Eu estava ouvindo" disse Willy meio nervoso. "Mas, estava no banheiro. Biff, que está você fazendo em Boston? Aconteceu alguma coisa em casa?"

O rosto do rapaz apresentava uma expressão deplorável. "Papai, vou lhe dizer. Fui reprovado em matemática. E não consegui nota suficiente para graduar-me. Apenas consegui sessenta e um pontos.

"E êles não quiseram dar-lhe os quatro pontos para a aprovação?"

"Mr. Burnside recusou-se terminantemente. Pedi-lhe, papai, mas êle não quis atender-me. Você deve falar com êle, antes que encerre as aulas. Se souber que espécie de homem é você, estou certo que não se oporá a atender-me. Você vai falar, não vai, papai?"

Willy assentiu, dando de ombros. "Nós iremos lá agora mesmo. Desça e diga ao empregado que eu já estou me preparando." Acabava de dizer estas palavras quando ouviu a mulher rir atrás dêle.

"Willy", estridulou ela, "que é que há?"

Willy estava tão preocupado em fazê-la voltar para o quarto, dando a entender que ela era uma sócia em seus negócios que nem pôde notar a inquietação que se estampava no rosto atarantado de Biff. Quando finalmente conseguiu que ela fôsse para casa, não teve fôrças para falar. "Olhe, Biff", tentou falar de homem para homem, como velhos amigos que sempre foram, "você compreenderá melhor estas coisas. Veremos Burnside pela manhã. Você precisa dêsses pontos para honra do U de Virginia".

"Êle não vai atender, papai, e nem eu vou lá..." Biff acrescentou num ímpeto. "Papai..."

"Ela não significa nada para mim, Biff. Eu estava sòzinho... Eu..."

Biff porém afastou-se num rompante. "Não toque em mim. Você é um mentiroso!"

A água no lavatório de Frank continuava a correr, gorgolejando na pia. *Boston... Boston...*

Teve a sensação de cair no assoalho. E a primeira coisa de que teve ciência era que o garçon ali estava para ajudá-lo a por-se em seus próprios pés. Meio embaraçado Willy apertou o paletó. Apesar de tudo, um homem tem que se apresentar bem vestido. Saiu para o jardim, com o garçon seguindo-o. Mas a mesa onde estivera sentado com seus filhos estava deserta agora.

"Onde estão os rapazes?", perguntou. "Nós devíamos jantar juntos."

"Foram embora" respondeu o garçon. "Mr. Happy tinha que se encontrar com as garôtas."

Willy perguntou: "Há alguma loja de sementes na vizinhança?"

"Há muitas lojas na Sexta Avenida. Mas, a esta hora, já devem estar fechadas."

"Eu me apressarei", gaguejou Willy. "Preciso conseguir algumas sementes, o mais depressa possível. Não tenho nada plantado e não tenho nada no meu jardim..."

Em casa, a primeira coisa que fêz foi dirigir-se para o jardim. Com a ajuda de uma lanterna, podia ler as instruções nos envelopes das sementes. E as seguiu cuidadosamente.

Cenoura: um quarto de polegada de distância, fileira de um pé. Alface: um pé. Concentrado nesse serviço, êle lembrava-se de ter que limpar a casa sòzinho. "Deve ser alguma coisa que eu posso fazer", resmungava enquanto trabalhava. "Deve existir uma solução, Ben. A mulher já tolerou demais. E Biff seria muito diferente se pelo menos tivesse alguma coisa a fazer. Para mim já é demais, Ben..."

A voz de Ben nunca soou mais convicta. "São vinte mil dólares na bôca do cofre. Garantidos."

"Terrível!" Willy balanceou.

"A! isso é uma coisa muito errada. Esta casa sempre foi tão cheia de luzes e de boas notícias... E agora..." Descansou um pouco sôbre a enxada. "Se ao menos eu tivesse alguma coisa para dar a Biff. Êsse rapaz podia ser tão grande..."

"Vinte mil dólares parecem já alguma coisa. Uma grande proposta."

Biff saiu muito cedo. Por sua vez, Ben tinha ido também para alguma parte.

Biff disse abruptamente, quando de volta. "Venho despedir-me, papai. Nunca mais voltarei a esta casa! Pegou no braço de Willy puxando-o para dentro de casa. "Venha, iremos comunicar a mamãe".

Linda e Happy estavam na cozinha. Ela avançou para Willy, sempre com sua expressão confortadora, enquanto Biff falava. "Se alguém perguntar por mim, para onde vou, diga que não sabem nada de minha vida e que não se interessam mais por mim. Desejam-me felicidade?"

"Que você apodreça na terra, se deixar esta casa!"

Willy fitou desconcertado. "Eu preciso saber para onde você vai. Quando você estiver para cima e para baixo, lembre-se que matou seu pai, tal como se tivesse feito atravessar um punhal em seu coração..."

"Eu não estou matando ninguém, papai!" A cólera faiscava dos olhos de Biff. "Que é que você entende por matar? Acaso é não querer obedecer aos seus estúpidos sonhos de grandeza? Agora, preparem-se para ouvir: eu roubei uma carteira em Kansas City e foi por isso que eu fui para a cadeia. Depois, eu me furtei a qualquer trabalho decente, desde que estive no colégio. Podem censurar-me, mas eu não nasci para receber ordens de ninguém!"

"Então enforque-se! Berrou Willy, enforque-se!"

"Hoje, de repente, eu mudei. Por que está tentando ser o que não sou? "Eu não sou nada... E assim é você!"

"Eu sou uma pessoa! Eu sou Willy Loman! e você é Biff Loman!"

Biff torceu a face. "Você nunca foi coisa alguma, senão um operário que vegeta na cinza. Eu sou um dólar por hora. Já experimentei várias coisas e nunca consegui nada. Portanto, não esperem nada de mim. Eu não valho nada. Sou o que sou."

Sùbitamente, a fúria passou por si mesma. Biff estava segurando Willy, aos soluços. Willy olhou assustado para a face de seu filho. "Que é que você está fazendo? Chorando?"

Biff desvencilhou-se exausto. Logo que subiu a escada, Willy podia pensar que êle o fazia pela última vez. Amanhã o rapaz iria embora. E definitivamente. Olhou para Linda, atônito e desvanecido.

"Não é estranho? Biff gosta de mim..."

Dos olhos de Linda caiam lágrimas. "Sim, êle gosta de você, Willy."

"Sempre gostou, papai." Disse Happy irresoluto.

"Oh! Biff! Chorou. Chorou por mim... Êsse rapaz ainda será grandioso!"

"Venha para a cama, Willy", falou Linda. "Está tudo resolvido, agora. Venha, querido..."

Mas êle fêz com que ela fôsse na frente, prometendo acompanhá-la. Interessante, ninguém pareceu ter visto Ben, em pé num canto da sala. Ben estava esperando, há longo tempo, para falar com Willy.

Willy falou. "Biff gosta de mim, Ben. Não acha notável?"

"Cedo ou tarde, Willy, nós morreremos. Pense agora como é grandioso estar com vinte mil dólares!"

Com uma soberba nascida de sua loucura, Willy pasmava ao lado de seu irmão insensível, postado ali novamente. "Êle irá procurar Bernard novamente e, por isso, êle será digno de mim..."

Acompanhou Ben até fora e entraram no carro. "Pense como grandioso será êsse rapaz com vinte mil dólares no bôlso", disse Ben.

Willy concordou. "Quando o correio chegar, êle terá alcançado Bernard, outra vez". Suas feições estavam exultantes quando pôs o pé no acelerador. Ben o apressava, fazendo ver que a "jungle", apesar de escura, estava cheia de diamantes. "Alguém deve entrar nela e buscar diamantes", disse, "Mais depressa, William, mais depressa!"

"Eu não estou com mêdo, Ben! Eu não tenho mêdo da "jungle".

As luzes passando e brilhando eram como diamantes. Então duas delas começaram a se aproximar, mais e mais, em direção ao pára-brisa de seu carro, até que sobreveio um estridente ruído de freios, um estilhaçar de vidro e gritos de pavor.

Os funerais estavam, agora, no fim. Quase ninguém a êles tinha comparecido. Nenhum dos velhos fregueses, com aquêles automóveis de placas tão variadas de diversos e diferentes estados, que Willy gostaria de ter juntado para seu último adeus. Sòmente Linda, seus dois filhos e o sempre leal Charley lá estavam.

"Não posso compreender isso", disse Linda com a voz trêmula. "Pela primeira vez, em trinta e cinco anos, nós já nos sentíamos livres e já nos compreendíamos tão bem um ao outro..."

"Êle alimentava sonhos inteiramente errados", disse Biff. "Todos errados..."

"Não diga isso!", a voz de Happy Era firme. "Espere um pouco e verá que mostrarei que Willy Loman não morreu em vão! Êle tinha o belo sonho de ser um homem excepcional."

"E eu queimei êsse sonho..." Biff retorquiu roucamente.

"Mas eu estou isento dessa culpa, porque só agora vejo que nunca passei de uma criança..."

(Continua na pág. 34)



Cine Mundial

ESTADOS UNIDOS

Tudo já estava pronto para a filmagem de uma importante seqüência de "Sonharei com Você", produção da Warner, e o diretor chegou mesmo a pedir silêncio, pois a câmara não tardaria a começar seu trabalho. Eis que alguém vem dizer ao diretor que seria impossível filmar naquele instante. Acontecia que um bebê de 3 meses, que faria na cena o filhinho de Doris Day e Danny Thomas, dormia plàcidamente... O remédio foi adiar os trabalhos, enquanto todos esperavam que o ilustre personagem acordasse...

★

Eddie Cantor faz o papel de si próprio em "The Story of Will Rogers". Mas antes de enfrentar aa câmaras, Cantor passou quarenta minutos no camarim caracterizando-se de... Cantor.

★

Patricia Hitchcock está em Nova York tentando a carreira teatral. A jovem estrêla, que é filha do diretor Alfred Hitchcock, sob cujas ordens trabalhou em "Pacto Sinistro", ainda não recebeu nenhuma oferta para atuar na Broadway, mas confessa que não há mal nenhum em insistir...

★

Para bem desempenhar o papel do mágico Houdini, Tony Curtis está recebendo aulas de prestidigitação. Como Tony é um rapaz inteligente as lições são assimiladas com incrível facilidade. Janet Leigh, sua espôsa, espera que a qualquer dia, com um passe de mágica mais habilidoso, Tony consiga duplicar seu salário...

★

O cineasta William Dieterle, que estêve em Israel tomando "exteriores" para seu filme "Salomé", enamorou-se tanto daquelas paisagens que pretende rodar seu próximo trabalho "Saul" inteiramente nos arredores de Jerusalém.



Will Rogers Jr. ensina a Jane Wyman a manejar o laço, que aliás celebrizou Will Rogers, seu pai, no filme de «The Story of Will Rogers», que está sendo rodado nos estúdios da Warner



Virginia Mayo e as girls Blanche Taylor e Diana Mumby, assim elas aparecem em um número chamado burlesque em o «Professor e a Corista», da Warner

Três atores de muita popularidade preparam-se para estrear como diretores: May Milland, Dick Powell e Broderick Crawford.

★

Entre os filmes a serem rodados brevemente em Hollywood, destacam-se uma reedição de "Os Dez Mandamentos", de DeMille, em tecnicolor, "Tangier's Incident", com George Brent e "One More Time", com Lana Turner e Spencer Tracy.

MÉXICO

A trajetória do filme "O Direito de Nascer" tem se assinalado por quebrar todos os récordes de permanência em cartaz já registrados na América Latina: 15 semanas na cidade do México, 10 em Havana, cidade natal do autor da novela, e 12 semanas em Bogotá.

★

Dizem que Arturo de Cordoba é sempre um grande intérprete quando não filma em Hollywood. Essa pilhéria confirma-se plenamente em "Paraíso Roubado", uma grandiosa produção azteca em que o ator tem uma das mais brilhantes atuações de sua carreira, ao lado de Irasema Dilian.

PORTUGAL

James Fitzpatrick, o conhecido cinegrafista dos "Travel Talks" que tem percorrido todos os quadrantes da terra no afã de documentar a vida e os costumes dos mais diversos povos, está em Portugal. Naquele país Fitzpatrick realizará dois filmes, abrangendo um a região de Lisboa, Estoril e Cascais e o outro, a parte sul de Portugal, ou seja, Alentejo e Algarve.

FRANÇA

Milhares de litros de benzina foram queimados em uma só noite para a cena do incendio dos poços de petróleo no filme de Clouzot, "Le Salaire de la Peur", que está sendo realizado em Nimes. A gigantesca encenação foi vista num raio de cinqüenta quilômetros.

ITÁLIA

O filme "Stazione Termini", de Zavanttini, dificilmente será realizado sem antes transpor uma série de obstáculos. De início, Marlon Brando, que para êle estava contratado, recusou-se a protagonizá-lo. Fala-se que Montgomery Clift aceitou o papel. Quanto à parte feminina também tem havido avanços e recúos, pois que o papel está sendo disputado por Michelline Presle, Linda Darnell e Jeniffer Jones.



(Especial para a Cena Muda)

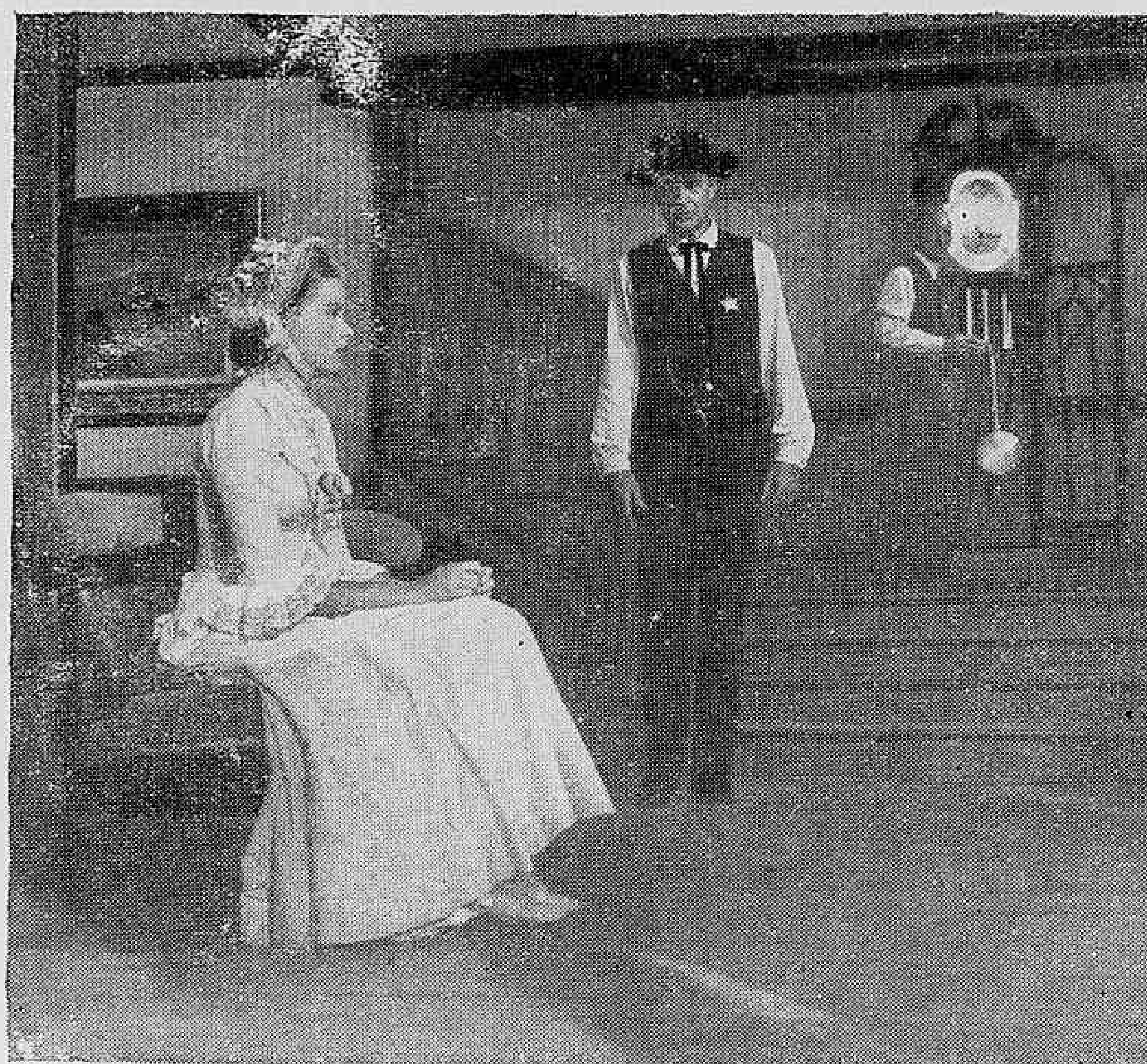
MATAR OU MORRER

(High Noon)

UNITED ARTISTS
Produção de Stanley Kramer
Direção de Fred Zinnemann

ELENCO:

Will Kane, **Gary Cooper** — Jonas Henderson, **Thomas Mitchell** — Harvey Pell, **Lloyd Bidges** — Helen Ramirez, **Katy Jurado** — Amy Kane, **Grace Kelly** — Percy Mettrick, **Otto Kruger** — Martin Howe, **Lon Chaney** — Frank Miller, **Ian MacDonald**



A manhã era de sol. Um sol quente de verão, na cidadezinha de Hadleyville, no oeste americano, onde se realizava o casamento de Will Kane com Amy, linda jovem, que o aceitara por espôso por saber que êle se havia demitido do cargo de "marshall", oficial de justiça, encarregado de manter a ordem na região.

Não fazia muito tempo que Will havia enviado para a cadeia o facínora, Frank Miller que, com seu irmão e outros capangas, havia cometido vários crimes.

Will resolvera demitir-se, casar-se com Amy e seguir para uma cidade vizinha, onde ia abrir um negócio. Fôra essa uma das condições que Amy impusera a Will, já que, por motivos religiosos, odiava qualquer sorte de violência.

Todos reconheceram nêle. Ben Miller, irmão de Frank, Pierce e Colby, antigos companheiros do famigerado Frank. O chefe da estação recebe um telegrama e vai correndo informar a Will e ao juiz Mettrick que Frank Miller havia sido perdoado, por influência política, e estava de viagem para Hadleyville. Chegaria no trem do meio dia.

Eram 10h.40m.

Henderson, homem influente do pequeno povoado, aconselha Will a partir logo após a cerimônia. Will e a espôsa tomam o carro e seguem pela estrada.

A chegada da quadrilha de Miller também havia sido notada por Helen Ramirez, antiga companheira de Frank, e por Harvey, assistente de Will. Harvey sonhara ser o novo "marshall" mas Will, sabendo-o com pouca fôrça moral, não o recomendara para o cargo. Isto havia enfurecido Harvey. Agora, êle e Helen se namoravam. Helen também já havia tido um romance com Will Kane...

Depois de haver rodado alguns minutos pela estrada, Will resolve voltar para Hadleyville, contra os protestos de Amy. Sente que o dever o chama e que deveria enfrentar Frank e seus capangas.

A cidade entra em grande agitação, depois do regresso de Will. Amy pede-lhe que a acompanhe, dizendo-lhe que, já não sendo "marshall", nada tem a ver com a volta do bandido. Will retruca que, mais tarde ou mais cedo, Frank Miller o tentaria matar e era preferível enfrentar o perigo do que fugir dêle.

São onze horas.

Apressa-se Will a ver se consegue reunir um grupo de homens para que, juntos, possam estar preparados para enfrentar a possível agressão de Miller e seus bandidos.

Will pede a Amy que espere por êle. Ela recusa, declarando que tomaria o trem de meio dia.

No tribunal, o juiz Mettrick arruma os livros e prepara-se para fugir, receioso da vingança de Frank.

Harvey vem falar com Will e o insulta por não ter sido nomeado "marshall", acusando-o de ter ciúmes dêle com Helen. Só então, Will vem a saber do que se passa entre ambos.

Helen Ramirez decide também abandonar Hadleyville, pois conhece o gênio violento de Miller, seu ex-amante.

Apenas um cidadão apresenta-se a Will, prometendo ajudá-lo, caso êste consiga reunir o grupo de homens.

No hotel, Will, a caminho dos aposentos de Helen, vê Amy e zanga-se com ela, ao saber que já havia comprado passagem para o trem das doze. Will sugere a Helen que parta, mas esta lhe diz que nada teme e que êle, sim, deveria partir pois é o único a quem Frank certamente viria matar.

São 11h.16m.

Will sai e vai ao botequim, implorando auxílio do povo. De todos recebe a mesma resposta negativa. Percebe que a cidade inteira, acovardada, abandona, diante da ameaça que dela se aproximava.

Harvey vai ao hotel e pede a Helen que não o deixe, mas esta o esbofeteia, enojada de sua covardia. Diz-lhe que Will provàvelmente estará morto dentro de meia hora e que, com êle, Hadleyville também morrerá...

Will vai ao templo da cidade, onde o serviço religioso do domingo está sendo realizado. Interrompe a cerimônia e pede auxílio, precisa de voluntários... Dizem-lhe, apenas, que se êle deixar a cidade talvez Frank nada fizesse. Will sai sem dizer palavra. Está só, e sòzinho teria que enfrentar o perigo. Volta, então, ao escritório e, ali, avaliando as dificuldades que deveria enfrentar, temendo pelo que lhe poderia suceder, senta-se e faz seu testamento.

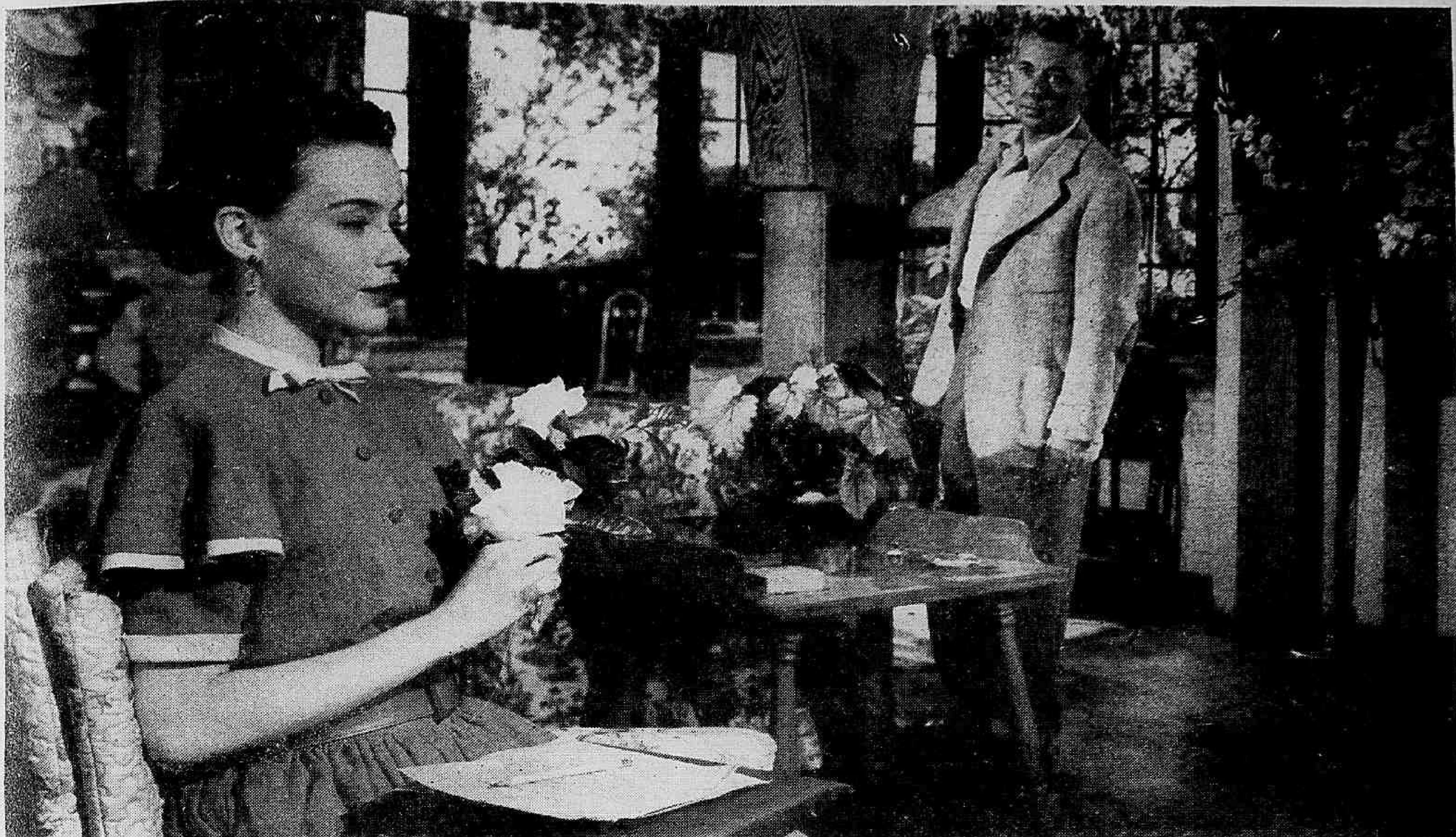
São 11h.44m.

Will vai até a cocheira na rua principal. Harvey o segue e diz-lhe também que deve ir embora dali... Brigam e Will o põe fora de combate.

Faltam dez minutos para as doze.

(Cont. na pág. 34)





Susan Peters, numa cena de «Signo de Áries», contracenando Alexander Knox

O QUE A TELA NÃO MOSTRA...

por LÍVIO DANTAS

SUSAN PETERS NA NOITE DO PASSADO

Morreu Susan Peters, a artista que entrou para o cinema sob o signo da tragédia e do sofrimento, experiência que lhe valeu — podemos dizê-lo — a própria vida. Susan revelou-se uma atriz de imensas possibilidades em "Na Noite do Passado" (Random Harvest), com Greer Garson e Ronald Colman e teria uma carreira mais brilhante se um acidente não tivesse vindo prendê-la paralítica a uma cadeira de rodas, na flor de sua juventude. A essa fatalidade adicione-se o abandono de seu espôso, Richard Quine, que não quis acampanhá-la no sofrimento que agora culmina num desenlace quase anônimo. Mas Susan Peters será sempre para os fãs de cinema a garôta travêssa e radiante de "Na Noite do Passado" que ainda relembraremos por muito tempo.

TEMPO BOM, COM RAJADAS FRESCAS

A atmosfera estêve carregada nas últimas semanas "chez" Frank Sinatra. Dizem as línguas ferinas que Frank anda com inveja de sua mulher agora numa posição privilegiadíssima no cinema, por seu trabalho em "As Neves de Kilimanjiaro". As notícias mais frescas, entretanto, falam que o perigo de separação para o casal já passou e que Ava Gardner resolveu dar mais uma oportunidade ao marido.

BOYER, APOCALÍPTICO

Comentando os murmúrios de que Charles Chaplin se despediria do cinema com seu falado filme "Limelight", Charles Boyer, que via de regra é um homem calado, deitou falação: "Se "Limelight" fôr o último filme de Chaplin é sinal que o mundo está perto de se acabar".

O "MILAGRE VOCAL" NÃO QUER SABER DE CINEMA

A estréia de Yma Sumac no Mocambo, em Hollywood, foi um deus-nos-acuda. Todo o mundo queria ouvir a famosa cantora peruana — descendente direto do último imperador inca Atuaulpa. Yma recebeu ofertas de contratos vantajosíssimos, mas recusou-os todos com firmeza.

EL-DORADO NO MÉXICO

A nova residência de Elsa Aguirre, a estrêla mexicana que pretende fazer sombra a Maria Felix, é algo que faz relembrar o esplendor do império azteca que Fernão Cortez destruiu. Imaginem que o palácio da señorita Aguirre dispõe de escadas rolantes, balaústres revestidos de ouro, além de um imenso "hall" ladrilhado com azulejos representando diversas efígies da estrêla.

RAPAZ DE BOM GÔSTO

Na ordem da celebridade, Robert Savage pràticamente não é ninguém. Sabemos de sua existência por tabela, isto é, através da celebridade de Rita Hayworth da qual o rapaz quer tirar também as suas casquinhas. Savage estêve perseguindo a Hayworth na viagem que esta fêz à Europa, planejando raptá-la para consumação de sua felicidade (dêle). Mas Rita não quer nada, nem com Savage, nem com Ali Khan, nem com ninguém, pois ela sabe que é preferível andar só que mal acompanhada.

MULHER TELÚRICA

Alba Arnova passou pelo Rio a bordo do "Giulio Cesare". Mas quem é Alba Arnova? Bem, se vocês não sabem quem é Alba Arnova, o melhor que eu acho é não se aprofundarem muito nesse assunto. A moça não é pròpriamente um tipo que pare o trânsito. Absolutamente. O que ela faz com aquela plástica bikiníssima que embasbacou os passageiros do transatlântico é desregular a pressão dos equinócios e eu não estou aqui para semear cataclismos. Para encurtar a história, Alba Arnova é também artista do cinema italiano, onde trabalhava burlando a vigilância materna. Fêz "Altri Tempi", de Blassetti e já se preparava para fazer um segundo filme quando uns puxavantes de orelha fizeram-na voltar ao juízo normal e à Argentina, sua pátria. "C'est fini".



Cine-romance

PECADO



Elenco: **Zully Moreno — Roberto Cañedo — Eva Martino — Rodolfo Acosta — Rodolfo Landa — Miguel Arenas — Angélica Ortiz — José Elias Moreno** e outros. Apresentações especiais de **Toña, La Negra — Chucho Martinez Gil — Carlos Mezquiz**, etc.

Ficha técnica: — Argumento original, Júlio Dantas — Título original da novela, "O Reposteiro Verde" — Versão livre, Gabriel Peña — Direção da fotografia, Gabriel Figueroa — Iluminador, Daniel Lopez — Operador, I. Romero — Edição, Rafael Ceballos — Cenografia, Jorge Fernandez — Partitura musical e direção, Antônio Diaz Conde — Diálogos, Rodolfo Benitez — Chefe de produção, Enrique Morfin — Direção, Luís César Amadori — Produtor, Gregório Walerstein. — Canções "Pecado" (C. Barr-Francini e Pontier) — "Viajera" (Luís Caraza) — 'Bendita Seas" (Cláudio Estrada) — "Maldicion Gitana" (Avelino Muñoz) — "Irremediablemente Sola" (Avelino Muñoz).

Uma produção de "Filmex" em lançamento da "Pel-Mex"

Diante da elegante e confortável mansão do Ministro Castro Lopez, onde essa noite se realiza uma recepção íntima, para um luxuoso auto e dêle salta Roberto, jovem secretário do ministro, que traz-lhe um projeto que deve ser entregue no outro dia ao Presidente, para o que vem buscar a assinatura do ministro. Êste larga por uns momentos aos convidados e vem ao encontro de seu ajudante, brilhante advogado e de boa família. Logo após a assinatura do projeto, o ministro convida-o para juntar-se com os recepcionados. Depois da ceia todos os convidados, menos o dono da casa, resolvem ir visitar um dêsses bairros que cultivam a má fama para atrair aos turistas, aos "snobs" e aos curiosos. Juanito, um dos componentes do grupo grã-fino, deseja fazer uma "blague" aos amigos e por isso paga a um indivíduo para que dê um **espetáculo emocionante**, segundo expressão sua. Pouco depois êste homem se apresenta na mesa e puxa por Marta, para que baile com êle. Marta assustada, olha-o surpreendida, enquanto que Juanito sai em sua defesa, mas termina por receber um sôco nos queixos por parte do tal indivíduo. Intervém Miguel Robledo, dono do "cabaret", homem interessante, duro e valente, mas também, sem escrúpulos, que expulsa





o indivíduo de sua propriedade. Durante o resto da noite, Miguel não faz outra coisa que olhar para Marta, cuja beleza o impressionou fortemente. Marta, jovem órfã, teve sua educação aprimorada no lar do ministro Castro Lopez, seu padrinho e protetor. Já depois de um par de horas, entre uma dança e outra, chega ao cabaret. Arregui, com quem Miguel mantém uma certa rivalidade, estando, agora, pronto a desforrar-se da última "peça" que os desunia. Em poucos minutos armam a confusão. De pistolas em punho começam por atirar contra as luzes. Miguel corre em socorro de Marta que dispersara dos seus amigos. Conduzindo por sua mão para o subterrâneo do Cabaret a formosíssima dama. Ali passam tôda a noite, sendo tratada com muito respeito por Miguel.

Êste acontecimento desperta um grande escândalo nas rodas sociais e Marta, destemidamente, resolve enfrentar aos preconceitos da sociedade rígida, a qual pertencia. Sentindo-se isolada, Marta resolve ir ao encontro de Miguel que também a impressionou, embora não o comentasse. Assim se inicia entre ambos um romance. Poucos dias depois se celebra um modesto casamento entre os dois, pois que as suas relações não aceitaram essa união, cousa que não importa a Marta, pois que entre ela e Miguel nascera um grande amor!

Miguel se desfaz do "cabaret" e se dedica a viajar com sua espôsa e desfrutando uma vida plena de prazeres e luxo.

Um dia se faz claro aos olhos da sociedade a verdadeira personalidade do homem que prendera seu destino ao de Marta: era êle um jogador profissional, buscado pela polícia internacional.

O ministro Castro Lopez intervém a favor de Miguel, mais por carinho para com sua afilhada do que, pròpriamente, por Miguel. Não obstante, termina por oferecer um emprêgo a êste no Ministério.

Insinuante e loquaz, Miguel aos poucos se infiltra na confiança de todos e, assim, toma conhecimento de um segrêdo de estado.

Tentado pela ambição, Miguel "assopra" aos seus amigos, que passam a especular na Bôlsa as ações de uma Companhia Mineira, comprando as ações por baixo preço, para depois as revender fabulosamente.

Os acontecimentos se precipitam e Castro Lopez renuncia de seu alto pôsto, atingido pela imprensa e pela voz do povo, alheios aos acontecimentos, nos quais participara indiretamente, pois que fôra enganado em sua boa fé.

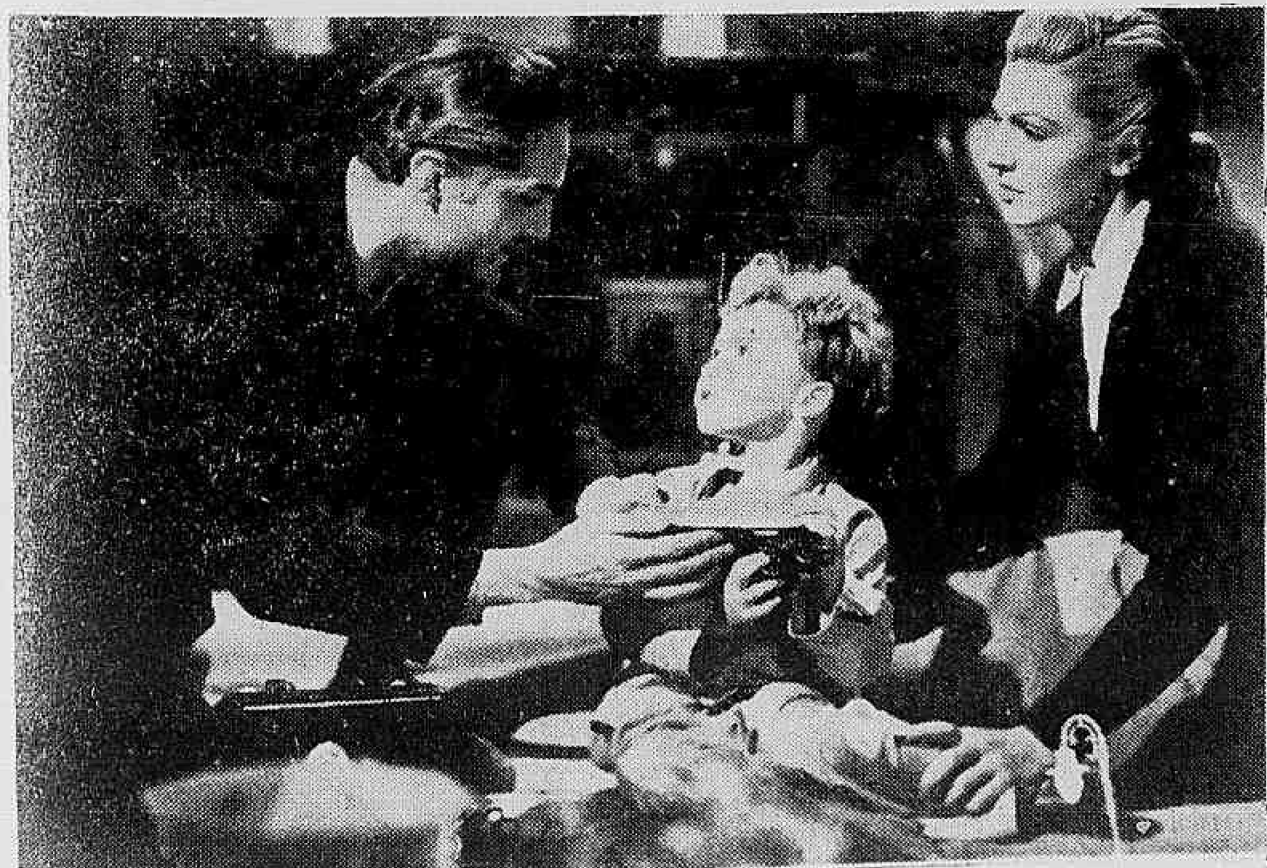
Isto prova a culpabilidade de Miguel, de quem Maria não vacila em separar-se, não obstante o grande amor que os unia. Pouco depois, Marta se inteira de que Miguel está enfêrmo e só. Penalizada e algo arrependida, ela retorna. Novamente partem em viagem. Desta vez a sorte não os ajuda... Em pouco estão em péssima situação.

Um dia Miguel perde tudo o que tem e vê-se obrigado a estender um cheque para o seu inimigo Arregui, que o ameaça de matar-lhe se no dia seguinte não efetuar o pagamento. Adverte-o de que só aceitará o cheque se êste tiver fundos. Miguel recorre a um de seus amigos beneficiados na negociata das ações, recebendo de Alexandre Tello a resposta de que seus lucros estão sob o contrôle de sua amante Carmen. Miguel, ávido de dinheiro, procura-a em seu apartamento. Duvidando de que esta lhe empreste a soma exigida e vendo a caixa das jóias aberta, Miguel entra no quarto de Carmen decidido a roubar, sendo surpreendido por esta, Miguel a estrangula.



As provas do crime são contra Alexandre, por um êrro judicial, que é prêso e levado para a detenção. A polícia continua as investigações

(Cont. na pág. 34)





AVA GARDNER AM

EM "AS NEVES D



Considerado um dos maiores ficcionistas de sua geração, Ernest Hemingway tem fornecido numerosos motivos para grandiosas realizações cinematográficas das quais a mais empolgante parece ser «Snows of Kilimanjaro», com Gregory Peck, Susan Hayward, Ava Gardner e Hildegard Neff.

Dirigida por Henry King, essa produção de Darryl Zanuck se baseia na vida de um escritor amante de temerosas caçadas, que, enquanto aguarda o momento da morte, revivia «flashback» seus amôres e suas aventuras.

O triunvirato composto por Zanuck, King e Peck está reunido pela quarta vez em «Snow of Kilimanjaro». Seus trabalhos anteriores, que já tivemos ocasião de apreciar, foram «David e Betsabá», «Almas em Chamas» e «O Matador».

Para King, o filme representou uma verdadeira «volta ao ninho antigo», uma vez que já dirigiu, há vinte anos, um filme da África e fêz outros na Espanha, Paris e Riviera Francesa, os mesmos lugares onde se passa a ação de «Snow of Kilimanjaro» Marcando o seu nono ano de cinema, Gregory Peck desempenha o mais romântico papel de sua carreira, considerando-se que a variedade de tipos tem sido a constante onde tem sido pôsto à prova o seu talento. Nascido em La Jolla, onde dirigiu a La Jolla Playhouse, Peck apareceu no cinema graças a representações teatrais na Universidade de Virginia e nos palcos da Broadway. «Snows of Kilimanjaro» é o 17º filme do ator que se acha atualmente em Roma onde foi trabalhar no filme «Roman Hollyday». Susan Hayward, que é de Brooklin, já trabalhou em 31 filmes, um dentre êles com o próprio Peck, «David e Betsabá» Durante a filmagem de «Snows», Miss Hayward reclamou que o diretor Henry King sempre a conservava em «águas quentes». Em «Um Homem e sua Alma», ela teve que lavar roupas esfregando-as com suas próprias mãos, em

A GREGORY PECK
E KILIMANJARO"





«David e Betsabá» toma um demorado banho e em «Snows of Kilimanjaro» passou três dias no «set», durante a filmagem torcendo cataplasmas de água quente e aplicando-as na perna doente de Peck.

A personalidade de Cynthia foi criada tendo-se em mente a pessoa de Ava Gardner. A atriz de cabelos escuros e olhos verdes faz, com êsse filme, sua estréia para os estúdios da Fox, mas não é uma estranha para Hemingway, tendo adquirido seu primeiro sucesso em «The Killers», com Burt Lancaster. Por ironia, em seu papel de «Snows», ela que é uma das mais bem vestidas e elegantes mulheres da tela, representa uma jovem da época do jazz, no decorrer dos anos de 1920-1930 usando vestidos de cintura larga e baixa daquele período.

O filme apresenta também Hildegard Neff em seu primeiro trabalho para o tecnicolor. Sua estréia como cantora e mulher glamorosa. A jovem alemã de olhos azuis foi vista primeiro em «Decisão antes do Amanhecer» e «Missão Perigosa em Trieste». Miss Neff chegou aos Estados Unidos em 1948, sem saber falar uma única palavra de inglês. Em oito meses aprendeu a língua com bastante desenvoltura. Sob contrato com Selznick, voltou para a Alemanha para trabalhar em cinco filmes sucessivos, antes que Darryl Zanuck a contratasse.

Leo Carrol, inglês de nascimento, veterano de 40 anos de palco e cinema, faz o papel do «Tio Pill» e, ainda há pouco, o vimos em «A Raposa do Deserto».

A húngara «pin-up-girl», Ava Norring, faz o papel de uma escultural modêlo. Enquanto que Helen Stanley que já trabalhou em «O Gênio na Televisão», faz o papel do primeiro amor de Peck.

Vicent Gomez é o célebre tocador de violão que dirige a «La Zambra» em Nova York e Richard Allan, jovem dançarino da Fox, que vimos em «O Meu Coração Canta», aparece como um dançarino profissional com quem Ava Gardner foge de Gregory Peck.



A leitora Aida Lins, de Goiânia, pede a ficha técnica de Ann Sothern...

o fã pergunta: "A CENA" responde

MAURÍCIO NUNES (São Paulo) — «... quais os artistas sob contrato com a Columbia e o endereço de seus estúdios?»

R — Columbia Pictures, 1438 N. Gower Street, Hollywood, California — Aldo Ray, Audrey Totter, Beverly Michaels, Broderick Crawford, Donna Reed, Gene Autry, Glenn Ford, Gloria Greenwood, Joan Davis, John Derek, Johny Stewart, Judy Hollyday, Mickey Rooney, Rex Reason, Rita Hayworth, Jack Mahoney e Smiley Burnette.

AIDA LINS (Goiânia) — «... poderiam publicar a relação completa dos filmes de Ann Shothern?»

R — Poderíamos, se essa relação não atingisse o número de 54 filmes. Ann está no cinema desde 1934 e, por diversas vêzes, fêz mais de cinco filmes por ano. Sua estréia na tela se deu no filme «Let's Fall in Love», 1934, de David Burton, com Edmund Lowe e Gregory Ratoff. Seus últimos filmes exibidos no Brasil foram «Nancy Goes to Rio» (Romance Carioca), 1949, de Robert Leonard, com Jane Powell, Barry Sullivan e Carmen Miranda e «Shadow on the Wall» (O Segrêdo da Boneca), 1950, de Patrick Jackson, com Zachary Scott e Gigi Perreau.

CARLOS TAVARES (Natal) — «... Jean Simmons trabalhou em «César e Cleópatra»?

R — Em um papel tão insignificante que seu nome nem apareceu no «cast». E' preciso lembrar que o filme foi produzido em 1945, época em que Miss Simmons não passava de uma criança.

M. PEREIRA (Ilhéus) — «... com quem Oscarito é casado?»

R — Com a ex-atriz de teatro musicado, Margot Louro.

ANA MARIA (Distrito Federal) — «... é verdade que Orlando Vilar vai trabalhar em Hollywood?»

R — Se vai trabalhar não sabemos. O que é certo é que êle lá estêve ùltimamente, tendo feito um teste com Kathryn Grayson. Ignoramos o resultado dêsse teste.

MARCUS JOSÉ (Distrito Federal) «... Gene Kelly usa cabeleira postiça?»

R — Para desgôsto do festejado artista, é verdade.

PAULO BORGES (Distrito Federal) — «... li em um jornal que o filho do Conde de Matarazzo cogitava desposar a artista Pier Angeli. Até que ponto isso é verdadeiro?»

R — Em todo boato há um fundo de verdade. Se nesse também existe, é coisa que ultrapassa nosso conhecimento.

S. SILVEIRA (Distrito Federal) — «... acabei de ver Alemanha, Ano Zero» e queria saber alguma coisa sôbre a vida de Roberto Rosselini.»

R — Roberto Rosselini nasceu em Roma no dia 8 de maio de 1906. Iniciou sua carreira cinematográfica como cenarista. Em 1941 realizou sua primeira obra importante «La Nave Bianca». Em seguida fêz «Un Pilota Retorna» e «L'Uomo della Croce», respectivamente de 1942 e 1943. Em 1945 produziu o filme que lhe deu renome universal, «Roma, Cidade Aberta». Produziu no mesmo ano «Paisá» e em 1947 «Alemanha, Ano Zero». Divorciado, casou novamente com Ingrid Bergman no dia 25 de maio de 1950, tendo nascido dessa união três filhos, Roberto e as gêmeas Isabella e Isotta.

ARMANDO PERES (Distrito Federal) — «... qual o primeiro filme de Ann Blyth?»

R — «Watch on the Rhine» (Horas de Tormenta), 1941, com Bette Davis e Paul Lukas.

Cine-Critica do LEITOR

ROBERT TAYLOR

Um dos mais queridos galãs do moderno cinema americano, é, sem dúvida, Robert Taylor, pertencente ao "cast" da Metro Gold. Mayer, fazendo mesmo forte concorrência ao "rei" Clarck Gable, que já entrando nos anos, terá forçosamente que se adaptar a outros tipos, deixando as cenas românticas para os mais jovens.

Robert Taylor vem da Universal que não soube aproveitá-lo e ganhar muito dinheiro com esta "mina", deixando-o escapar para outro estúdio que tornou-o um dos mais queridos galãs da atualidade.

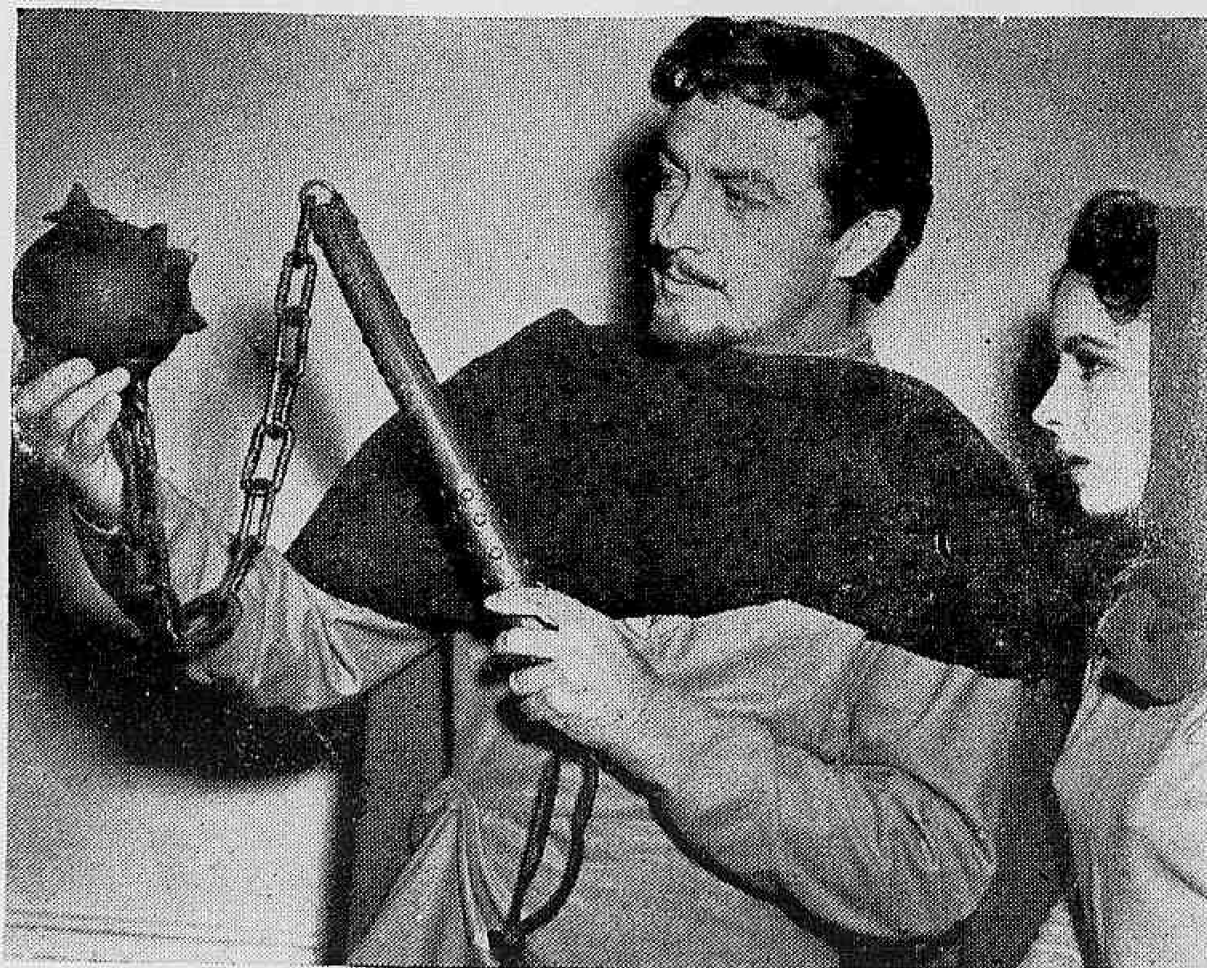
Da sua longa carreira poderei citar filmes como: "Felicidade Perfeita", "Cadetes do Ar", "Promessa de Mãe", "O Cruzador Misterioso", "Especialista em Amor", "O Tesouro Escondido", "Receita para Felicidade", "Lobos de Nova York", "Sublime Obsessão" (um dos seus melhores trabalhos, ao lado de Irenne Dunn), e na Metro: "Broadway de 1936", "O Amor é Assim", "Mulher Sublime", "A Mulher de meu Irmão", "Garôta do Interior", "A Fôrça do Coração", "A Dama das Camélias", "Seu Criado Obrigado", "Um Yankee em Oxford", "Broadway Melody de 1938", "Três Camaradas" (sua maior criação ao lado de Margaret Sullavan), "Fibra de Campeão", "O Amor de um Espião", "Noite Feliz", "O Noivo de Minha Noiva", "A Ponte de Waterloo" "Flor dos Trópicos", "Asas nas Trevas", "Gentil Tirano", "Fuga", "De Mulher para Mulher", "A Estrada Proibida", "Idílio a Muque", "As Portas do Inferno", "A Patrulha de Bataan", "Caçando Estrêlas", "Estrada do Diabo", "Quo Vadis", etc.

Já trabalhou com quase tôdas as grandes estrêlas do cinema, Greta Garbo em "A Dama das Camélias", Norma Shearer em "Fuga", Joan Crawford em "Mulher Sublime" e "De Mulher para Mulher", neste filme também trabalhava Greer Garson, Margaret Sulavan em "Três Camaradas", Vivien Leigh em "A Ponte de Waterloo", Lana Turner em "Estrada Proibida", Janet Gaynor em "Garôta do Interior", Eleanor Powell, Irenne Dunn, Maurean O'Sullivan, Mady Cristian, Elizabeth Taylor, Hedy Lamarr, Ruth Hussey, Paula Corday, Jean Harlow, Rosalind Russel, etc.

Casado com Barbara Stanwyck, trabalhou ao seu lado em "A Mulher de Meu Irmão" e "A Fôrça do Coração", formando na vida particular um dos casais mais perfeitos da terra do cinema, podendo-se dizer mesmo que Miss Stanwyck tinha completado a sua capacidade artística, entretanto, recentemente, quando foi filmar na Itália, surgiram os rumores, e dêsses rumores o divórcio. Miss Stanwyck está preferindo atualmente a companhia do viúvo Jean Pierre Aumont, e Mr. Taylor a companhia de Zsa Zsa Gabor.

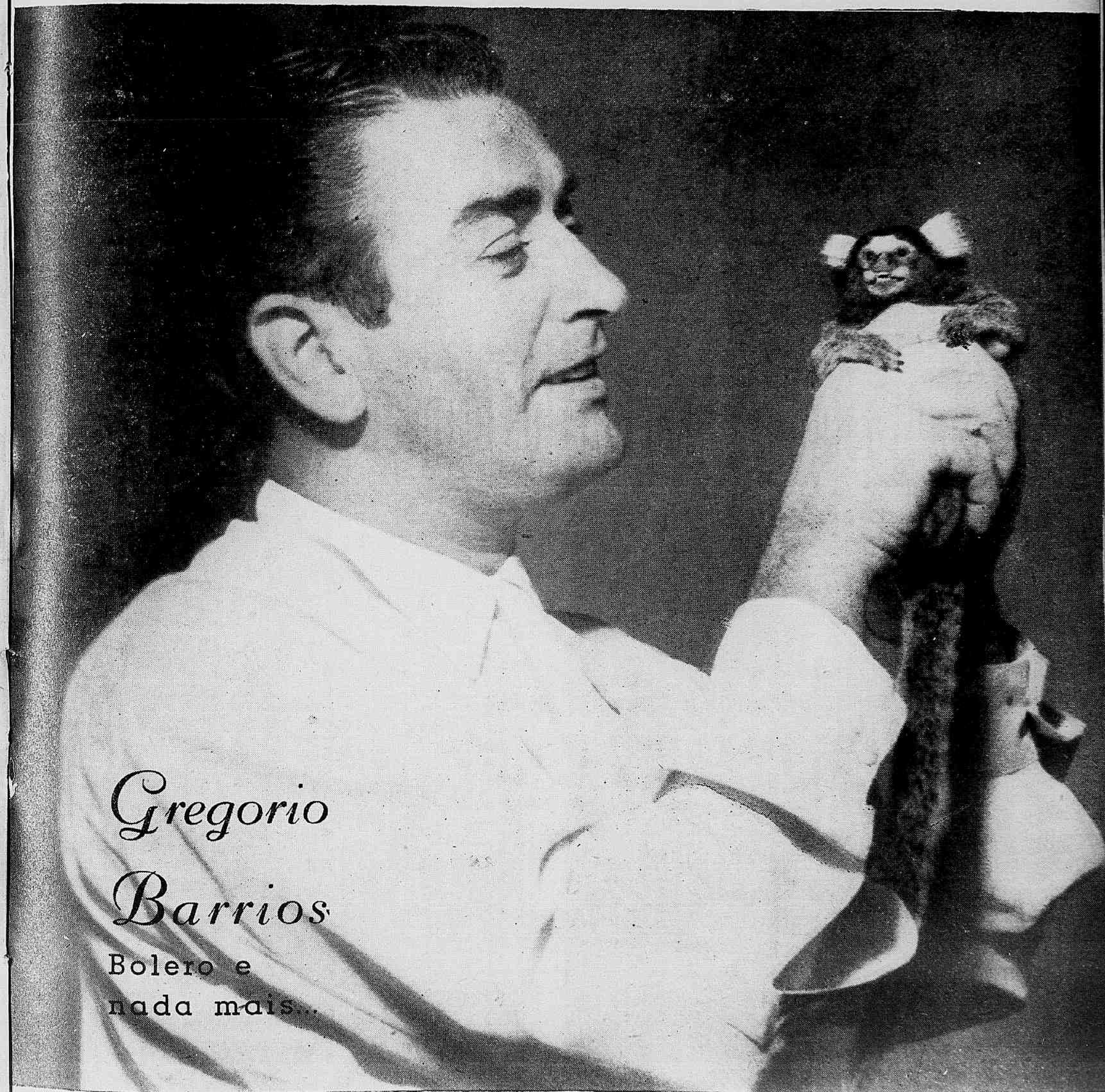
Não resta a menor dúvida que a Metro ainda possui o melhor galã da atualidade, não temendo a concorrência de Tirone Power, Gregory Peck, Tony Curtiss, e outros, e que Robert Taylor continua sendo um dos ídolos de bilheteria.

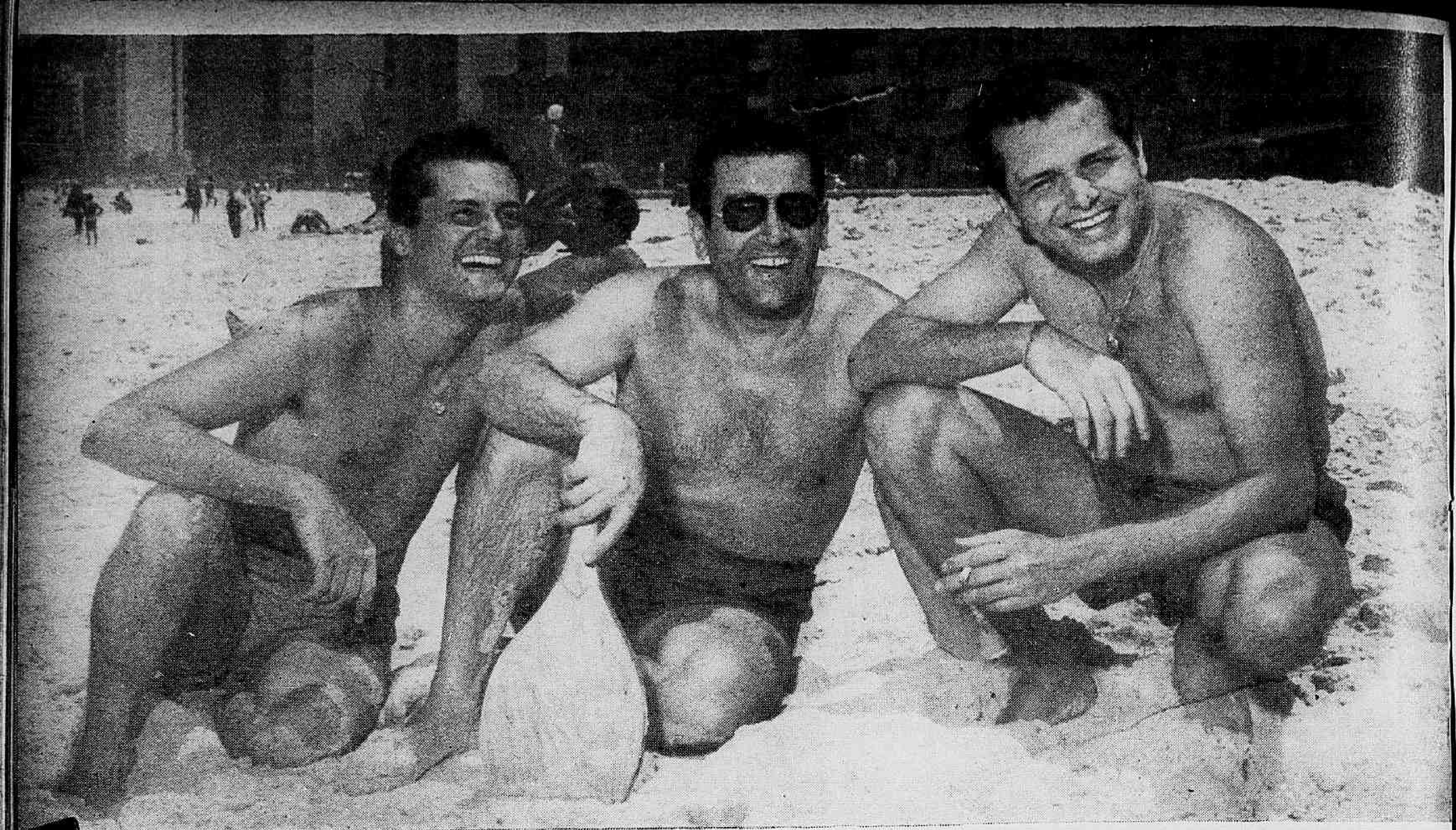
DURVAL FONSECA



Robert Taylor em seu último papel «Ivanhoé», para a Metro, mostra a Elizabeth Taylor a arma usada na época em que se desenrola o filme

Rádio Cena





GREGÓRIO BARRIOS é um dos artistas estrangeiros mais estimados pelos astros nacionais. Ei-lo, na praia, entre Cyl e Dick Farney, dois de seus bons amigos

A cegueira de Gregório Barrios brincadeira de mau gosto

COMEÇOU CANTANDO MÚSICAS CLÁSSICAS — GANHOU MUITO DINHEIRO GRAÇAS À SUA VOZ — ADORA O BRASIL E AS BRASILEIRAS

Reportagem de M. CORRÊA
Fotos de ALBERTO FERREIRA



EMBORA RADICADO há muito na Argentina, Gregório jamais desejou cantar tangos. Diz êle, modestamente, que não o faria com agrado

Os artistas — os grandes artistas — são como as aves migratórias. Volta e meia deixam o seu «habitat» em busca de novos lugares em que possam exibir seus dotes vocais, deixando em cada um dêles a marca de sua personalidade artística, a lembrança de seus triunfos. Gregório Barrios, cantor que ora nos visita novamente, é assim uma espécie de ave migratória, que sempre deixa a Argentina — seu habitat — para realizar exitosas temporadas no Brasil.



RARAMENTE êle pode descansar, em face de seus múltiplos compromissos artísticos. Mas, quando encontra uma brecha, está pra D. Gregório!



CASADO HÁ MUITO, êle não esconde o seu estado civil e aparece em público com a sua senhora, como nesse flagrante com os irmãos Cyl e Dick Farney

VETERANO SEMPRE JOVEM

O criador de «Somos», «Hoy» e tantos outros sucessos, é «alguém» no mundo do bolero, é alguém quase aos quarenta anos, depois de lutar bastante para acertar. Nascido em Bilbão, na Espanha, muito jovem ainda transportou-se para a Argentina, que êle adotou como a sua segunda pátria. Voluntarioso, com a cabeça cheia de planos irrealizáveis, freqüentemente deixava a família para dedicar-se aos mais diversos mistéres. Assim, foi de tudo um pouco. «Boy» de teatro, escriturário, chefe de turmas, encarregado de diversas companhias, culminando por ser engenheiro. Quase sempre, depois de uma aventura mal sucedida, tornava ao lar. E invariàvelmente deixava a casa paterna em busca de aventuras, na ânsia de ser independente, embora descendesse de gente de recursos. Num dêsses vaivém foi aconselhado por um amigo a dedicar-se ao canto:

— Talvez assim você perca essa mania de andar daqui pr'ali — disseram-lhe.

Gregório ouviu tudo calado. Matutou bastante — passou uma noite inteirinha pensando nisso — e, no dia seguinte, tomou uma deliberação: iria estudar canto.

Procurou um professor de música erudita e dedicou-se aos estudos de corpo e alma, disposto a levar a cabo o que, para êle, não passava de um novo plano a ser realizado. Estudou durante quatro anos, findos os quais descobriu que a sua vocação não era o gênero clássico, mas o popular, o que dá alegria às massas. Dêsse modo, começou a interpretar canções aqui e ali. Embora suas atuações não conseguissem chamar a atenção para o seu nome, conseguiu ingressar no rádio. Pouco tempo depois, dedicou-se à interpretação de boleros, ritmo que estava bem de acôrdo com o seu temperamento sonhador. Fêz algumas grava-

(Cont. na pág. 34)



ENTUSIASTA dos encantos naturais do Rio, o criador de «Dos Almas», sempre que pode, freqüenta as belas praias cariocas



QUEM FOI que disse que o grande cantor basco estava cego? Sòmente alguém que quer ver o seu fracasso faria uma maldade dessa



APESAR DE QUASE quarentão, Gregório parece mais um menino tal a vivacidade e entusiasmo com que se dedica às práticas desportivas principalmente o tênis de praia, que é o seu favorito



Raul Brunini, o correto locutor da Globo, escuta atento a um disco para um fundo musical

Seu nome por inteiro, aquêle que só usa nos documentos de identidade, pouco difere do nome que usa no rádio. E' Raul Brunini Filho. Como tantos outros elementos da radiofonia indígena, o nosso herói começou no «hinterland». Impelido pela vocação, êle tanto fêz que arranjou um lugar de locutor na Rádio Clube de Rio Claro, na cidade paulista do mesmo nome, onde veio ao mundo há mais de trinta anos.

Na referida emissora — onde também começou a locutora Lúcia Helena, hoje na Rádio Nacional — o jovem Brunini, com apenas umas poucas atuações, demonstrou possuir acentuados pendores para o «metier». Por isso, não era difícil ouvir-se, naquela época, em Rio Claro:

— Êsse Raul Brunini vai muito longe.

Ao que outros prognosticavam:

— A estação de Rio Claro não o terá por muito tempo...

REVELOU-SE NUM CONCURSO

De fato, assim aconteceu

Como um ímã, o Rio de Janeiro atraiu o moço Raul. E enquanto não deixou o pequenino burgo bandeirante, não sossegou. Logo assim que chegou à Cidade Maravilhosa, sua primeira preocupação foi se inscrever num concurso para locutores que a Rádio Tupi havia instituído

Após dias e dias de angustiosa espera, chegou a hora da prova. Reunindo tôdas as suas fôrças, dominando com estoicismo a vontade de tremer que nem vara verde em dia de ventania, conseguiu fazer um excelente teste, chamando a atenção da banca examinadora para a segurança com que se saiu do exame.

Dias mais tarde, um telegrama convidava-o a comparecer aos estúdios do «Cacique do Ar», a fim de receber o prêmio a que fizera jus como vencedor do certame.

A CONSAGRAÇÃO NÃO DEMOROU

Depois de apor o seu jamegão no contrato que a Rádio Tupi lhe ofereceu, êle iniciou sua carreira no sem fio guanabarino. Começou de onde muitos saem, isto é, nos horários matutinos, tendo muitas vêzes que acordar de madrugada para botar a estação no ar.

(Cont na pág. 34)

RAUL BRUNINI LOCUTOR CLASSE A

COMEÇOU NA ESTAÇÃO DE SUA CIDADE NATAL — VITORIOSO NUM CONCURSO INSTITUÍDO PELA TUPI — LOCUTOR ESPORTIVO E ANIMADOR DE RECURSOS

DISSE-ME-DISSE

Há tempos, o romancista Marques Rebêlo, numa roda de amigos que falavam sôbre o rádio brasileiro e seus problemas, disse:

— Se eu fôsse diretor da estação em que trabalhasse o Almirante, a primeira coisa que faria era acabar com aquêle seu programa de desafios. Aquilo é uma aberração!

Agora, como se sabe, o conhecido escritor é diretor da mesma emissora em que trabalha o Almirante...

★

Dizem que o Sr. Carlos Rizzini foi destituído das funções de superintendente das Emissoras Associadas de Rádio e Televisão, em face do seu "namôro" com a Rádio Nacional, fato que contrariou bastante o Sr. Assis Chateaubriand...

★

Afirma-se nos círculos radiofônicos que a situação financeira da Rádio Vera Cruz não é nada boa. Deve haver uma ponta de verdade em tudo isso, pois, até agora, a PRE-2 não cumpriu a exigência legal de aumentar a sua potência.

★

Trouxeram ao nosso conhecimento que o Osvaldo Éboli — que durante muito tempo fêz parte do Bando da Lua com a alcunha de Vadeco — teria recebido ameaças de alguns compositores que se sentiram prejudicados com a diminuição de músicas populares brasileiras nas programações da Rádio Jornal do Brasil...

★

Há um cronista radiofônico que, há pouco, declarou numa roda de colegas:

— Eu não ouço rádio, porque infelizmente sofro dos órgãos auditivos, mas tenho uma equipe de ouvintes que faz êste trabalho por mim.

Esse, amigos, é o tal que critica os outros por ouvir dizer...

VALE A PENA SABER

O radioator Carlos Medina tem uma superstição única no «broadcasting» brasileiro: não viaja de elevador por nada dêste mundo. Com êle é só na escada...

★

Júlio Louzada nasceu num domingo de carnaval.

★

Linda Batista cantou pela primeira vez no rádio carioca no «Programa Francisco Alves», ao tempo em que êste cartaz do saudoso Rei da Voz era apresentado pela antiga Rádio Cajuti.

★

O locutor Luís Mendes iniciou suas atividades na Rádio Globo apresentando um programa de curiosidades no horário matutino.

★

Antes de ingressar no rádio, Jaime Moreira Filho, atualmente na Rádio Nacional de São Paulo, era funcionário do Departamento dos Correios e Telégrafos.

★

Héber de Bôscoli já foi cronista radiofônico, tendo colaborado em diversos órgãos desta capital.

PONTOS de VISTA

«Agora as «Piadas do Manduca» continuam a ser, talvez, o que de mais ruim a Nacional e adjacências estão levando aos ares. Depois de ouvir as «Piadas do Manduca» não há cristão que não maldiga o rádio, o domingo, o Renato Murce, etc.» — **Dig**.

— «... no rádio existe uma coisa chamada «panelinha». Só entra aquêle que tem padrinhos; só entra aquêle que se sujeita às condições quase absurdas que lhes são impostas na maior parte das vêzes». — **Ari Vizeu**.

— «O tempo está para o rádio assim como o espaço está para o jornal. Há que aproveitá-lo bem aproveitadinho, sem deixar êsses claros, êsses vazios, que contestam uma técnica bastante falha e inaplicável». — **W. Gil**.

— «Ribeiro Martins, nosso simpático amigo, animou, anteontem, mais uma vez, o programa de Gregório Barrios. Como falou pouquinho! Também só disse esta besteirazinha: «Gregório **está no dial tal** no clube Vasco da Gama!». Viu como é bom a gente não falar muito, Ribeirinho?» — **Marijô**.

DAQUI, DALI, DACOLÁ

Noticia-se que César de Alencar, a partir dêste mês, vai fazer um programa na Rádio Mayrink Veiga.

★

Alberto Figueiredo voltou à Rádio Clube, como narrador e locutor comercial. A sua estréia foi realizada no dia 1º do corrente.

★

Sábado próximo, na «Seqüência G-3», Aerton Perlingeiro estreará ao microfone da Rádio Tupi.

★

O famoso pianista Carmen Cavallaro firmou compromisso para uma série de apresentações nas Rádios Nacional, Tupi e Mayrink Veiga.

★

No horário das 14 horas das segundas, quartas e sextas-feiras, a Rádio Tupi está apresentando «Em busca do passado», novela de Alberto Madeira.

★

Ainda êste mês a Associação Brasileira de Cronistas Radiofônicos iniciará uma série de conferências sôbre assuntos radiofônicos. A primeira delas estará a cargo do festejado autor teatral Pedro Bloch.

★

Após exitosa temporada pelos Estados do sul, regressaram ao Rio e já reiniciaram suas atividades na Rádio Nacional os radioatores Álvaro Aguiar, Henriqueta Brieba e Altivo Diniz.

★

Fala-se que duas grandes emissoras cariocas estão cobiçando o concurso de José Machado, atual dirigente do Departamento de Notícias da Rádio Mayrink Veiga.

★

Numa das reuniões da Sociedade Interamericana de Imprensa, reunida em Chicago, foi aprovada, em assembléia, a proposta do jornalista brasileiro Carlos Lacerda, no sentido de condenar a concorrência «lícita» de jornais e emissoras de rádio, de propriedade do govêrno de qualquer país.



ELIZETE, com a sua graça morena, enfeita um burocrático balcão da Rádio Tupi

ELIZETE CARDOSO
Ganhou "medalha de ouro" num Concurso de Danças

CANTOU PELA PRIMEIRA VEZ NA GUANABARA — EXCURSIONOU POR TODO O BRASIL INTEGRANDO UMA COMPANHIA TEATRAL — TRABALHOU EM DIVERSOS FILMES — "A FRANÇA E' A MAIOR"

Reportagem de M.S.
Fotos de A. LIMA

— Canto desde pequenina, mas o meu primeiro grande triunfo eu o obtive graças à dança — disse Elizete Cardoso, quando a procuramos, um dia dêsses, na Rádio Tupi.
causou-nos

A afirmativa, assim de chofre, causou-nos surprêsa. Sabíamos que a interessante estrêla era dona de voz encantadora, que vinha merecendo rasgados elogios da crítica e do público, e que as suas gravações, a par do êxito artístico, eram adquiridas com a melhor boa vontade pelos discófilos. Dessa forma, a nossa surprêsa inicial transformou-se em curiosidade e, por isso, pedimos à criadora de "Canção de amor" que nos contasse a história direitinho. Ela prometeu que nada ocultaria e começou:

— Foi há muitos anos atrás. Eu estava naquela fase de "entrefechado botão, entreaberta rosa", como disse o poeta, ou melhor dizendo: era um brotinho caprichado, modéstia à parte. Todo o mundo me conhecia como uma pequena que "tinha jeito" para cantar as melodias mais em voga. Outros, não perdendo a oportunidade para bancar profetas, diziam: "Essa menina vai longe..."

★

Elisete suspira. O repórter, ansioso, aguarda que ela retome a narrativa, pois a cantora da Tupi empresta à sua narração um sabor todo especial, em face dos exemplos que cita



«VEJAM COMO EU TRABALHO!» E a criadora de «Canção de amor» aponta, no quadro de programas da G-3, os dias em que atua



A DUPLA Castro Barbosa e Lauro Borges, conta as últimas para a festejada sambista do «Cacique». Ela, ao que parece, está gostando...

para corroborar o que diz e dos seus gestos que causam funda impressão a quem ouve.

Ela, sorridente como sempre, prosseguiu:

— Eu ouvia aquilo tudo e não ligava muito, sabe? Queria era dançar empolgar os assistentes com os meus passos cheios de "letras", como se diz vulgarmente, fazendo filigranas num samba rasgado ou num bolero dolente. Por isso, realizava fugas espetaculares para poder comparecer à reuniões dançantes do clube que ficava vizinho à minha residência. Um dia, nesse clube, realizaram um grande concurso de dança, cujo prêmio maior era uma medalha de ouro! Você sabia lá o que era isso?

O repórter não sabia e Elizete continuou contando, agora também empolgada pela própria narrativa:



OSVALDO LUÍS, seu companheiro de emissora, cumprimenta-a pelo êxito de «Caixa postal zero-zero»



GOSTANDO de saber o que acontece no Brasil e no mundo, Elizete não perde um número da «Revista da Semana»

— Agarrei um dos melhores rapazes de lá e disse-lhe: "Vamos caprichar que o prêmio está pràticamente ganho!" Dito e feito. Depois de duas horas de provas, a comissão julgadora não titubeou: concedeu-me a ambicionada medalha de ouro. As outras pequenas ficaram com uma inveja...

★

— E depois, Elizete?

— Continuei cantando para minha satisfação íntima, prossegui dançando no clube modesto, até que a luta pela vida obrigou-me a trabalhar como manicure e cabeleireira num salão da cidade. Você sabe, a profissão é honesta, decente como outra qualquer, mas muitos não pensam assim, por isso aborrecia-me bastante quando me apontavam, maliciosamente: "Ali vai a manicure!"

A vocalista morena pára de repente, estuda o efeito da pausa na fisionomia do repórter e prossegue:

— Um dia — grande dia, "seu" Milton — consegui a "chance" de cantar no "Programa Suburbano", que era então uma das grandes atrações da Rádio Guanabara. Felizmente, agradei em cheio interpretando o samba "Do amor ao ódio". Entusiasmada com o sucedido e com o carinho com que fui recebida pelos sintonizadores, passei a dedicar-me inteiramente ao rádio, interpretando tôdas as grandes melodias de Noel Rosa. A golpes de esfôrço, tornei-me conhecida e festejada como vocalista e, pouco depois, recebia uma interessante proposta para trocar a Guanabara pela Transmissora, então uma das mais populares emissoras cariocas. Fui, mas durei muito tempo na antiga PRE-3, porque quase em seguida, em 193[illegible], precisamente, transferi-me para a Rádio Mayrink Veiga. Nessa emissora, cantei no "Programa Picolino", dessa criatura boníssima e amiga de todos que é o Barbosa Júnior.

★

Paulinho de Grammont interrompe ràpidamente a entrevista, avisando ao repórter que a Tupi dará o seu grito de carnaval no dia 15 do corrente, com Ataulfo Alves e suas pastoras, além de outras atrações. Elizete diverte-se com uma piada do diretor da G-3 e, depois, continua:

(Continua na pág. 34)

OS ARTISTAS TAMBÉM TÊM APELIDOS

CÉSAR DE ALENCAR É "CAVALETE" OU "ORELHA DE ABANO" — VOCÊS CONHECEM O "SAPATO DE VELUDO"? — AFRÂNIO RODRIGUES BATEU O RECORDE DAS ALCUNHAS

Texto de JORGE CORRÊA

O «Bolinho de Arroz» da PRE-8 e PRA-9 é o César Ladeira... Ei-lo quando em Hollywood falava com Virginia Mayo





César de Alencar não se importa que o chamem de «Cavalete»

Apelidar os outros, chamando-os por nomes pitorescos muito diferentes daqueles da certidão de nascimento, é um hábito a que a maioria dos cariocas não se furta gostosamente. Por isso, a exemplo dos jogadores de futebol — cujas alcunhas curiosissimas têm merecido criticas severas de alguns cavalheiros reformistas — os artistas de rádio tambem têm as suas e, por sinal, originais e pitorescas.

★

Comecemos por Gilberto Alves, o aplaudido cantor da Tupi. Êle fica doido quando alguém grita, bem alto, nos corredores da PRG-3:

— Palha de aço!

César Ladeira é outro cujo apelido (terá sido o Ciro Monteiro o autor?) é bem curioso. Na Rádio Nacional ou na Mayrink Veiga, onde brilha intensamente como narrador, êle é tratado por "Bolinho de arroz"... Carmélia Alves é a "Olivia Palito", devido à sua magreza. Aliás, dizem que a festejada cantora está fazendo regime para engordar e, dêsse modo, perder êsse apelido. Seus amigos, porém, já estão preparando outro para quando isso acontecer... Jair de Taumaturgo, veterano elemento que todos conhecem, é o "lagartixa"; Armando Louzada, outro macérrimo do nosso "broadcasting", é o famoso "Pé na cova"; João de Freitas, que agora divide o seu tempo entre o microfone e a Câmara Municipal, conserva, ainda, o cognome que usava quando se dedicava ao canto: "Jonjoca". O enxundioso animador Jorge Curi, tem dois, por sinal bem de acôrdo com o seu tipo: "Meninão" e "Jóquei de elefante".

★

Há um elemento, entretanto, que bateu o recorde em matéria de alcunhas. É êle o locutor Afrânio Rodrigues, o radialista que mais tem apelidos neste mundo. Uns preferem chamá-lo de "Chão de garage", "Glostora", "Touca de piche", "Bom-brill", ""Bom cabelo", "Asfalto molhado" ou "Jacaré engomado", devido ao seu irrepreensivel penteado; outros adoram chamá-lo de "Sapato de verniz", "Acetato", "Urubu molhado" ou 'Bengala de cego"... Convém acrescentar que os responsáveis pela maioria dessas alcunhas são César de Alencar, Reinaldo Dias Leme, César Ladeira e mais alguns elementos da Rádio Nacional.

Aliás, devido ao cuidado que Afrânio dispensa à sua bonita cabeleira, aconteceu-lhe, certa vez, um caso interessante.

Contam que, há tempos, êle passeava em plena Cinelândia, acompanhado de uma pequena "fiu-fiu", quando um garôto lhe gritou ao pé do ouvido:

— Cabelo abotoado!

Calmo, o locutor estacou, pediu licença a dama que estava com êle e, virando-se para o garôto, respondeu com serenidade:

O sisudo Manoel Barcelos é chamado de «estufadinho» pelos colegas





Carmélia quer engordar para perder a alcunha de «Olívia Palito»

— "Cabelo abotoado" é a vovòzinha!

E fleumàticamente, como se nada tivesse acontecido, tornou à agradável companhia e disse, com a maior classe dêste mundo:

— Vamos, querida...

★

Mas há outros apelidos bem interessantes. Se não vejamos: Alcides Viana, ensaiador e novelista da Tamoio, é o "Leão" para muitos de seus colegas, embora seja manso como um cordeiro; César de Alencar é o "Cavalete" e "Orelha de abano"; Luiz Gonzaga tem uma alcunha que lhe cabe como uma luva, dada a sua conformação facial — "Lua"; Zé Trindade, que sòmente agora está se destacando como humorista de reais méritos, é o "Sapato de veludo"; Heitor de Carvalho é mais conhecido como "Fantasma", dada à sua grande imaginação; Ranchinho e Alvarenga são chamados, respectivamente, de "Alvaiade" e "Gracinha'; Ciro Monteiro é o "Formigão" da Rádio Mayrink Veiga (cá pra nós, leitores, êle não parece mesmo um "Formigão"?); sua espôsa Odete Amaral, agora na Tupi, é a "Empadinha"; Oliveira Neto, outro elemento de cartaz da Rádio Tamoio, é o saltitante "Camundongo", apelido que lhe foi dado pelo Nino Prates, o "Gambá" da "emissora da família brasileira"; Carlos Pallut é o "Sarampinho" da Emissora Continental; Nelson Gonçalves, que é quase gago, é o famoso "Metralha"; Castro Barbosa, companheiro de Lauro Borges na "PRK-30", é o "Salaminho"; Jair Amorim, "Chopinho" e Aerton Perlingeiro, agora brilhando na Tupi, é o "Pèzinho". Quando estiverem junto dêle, olhem para baixo e vejam se o apelido não se justifica...

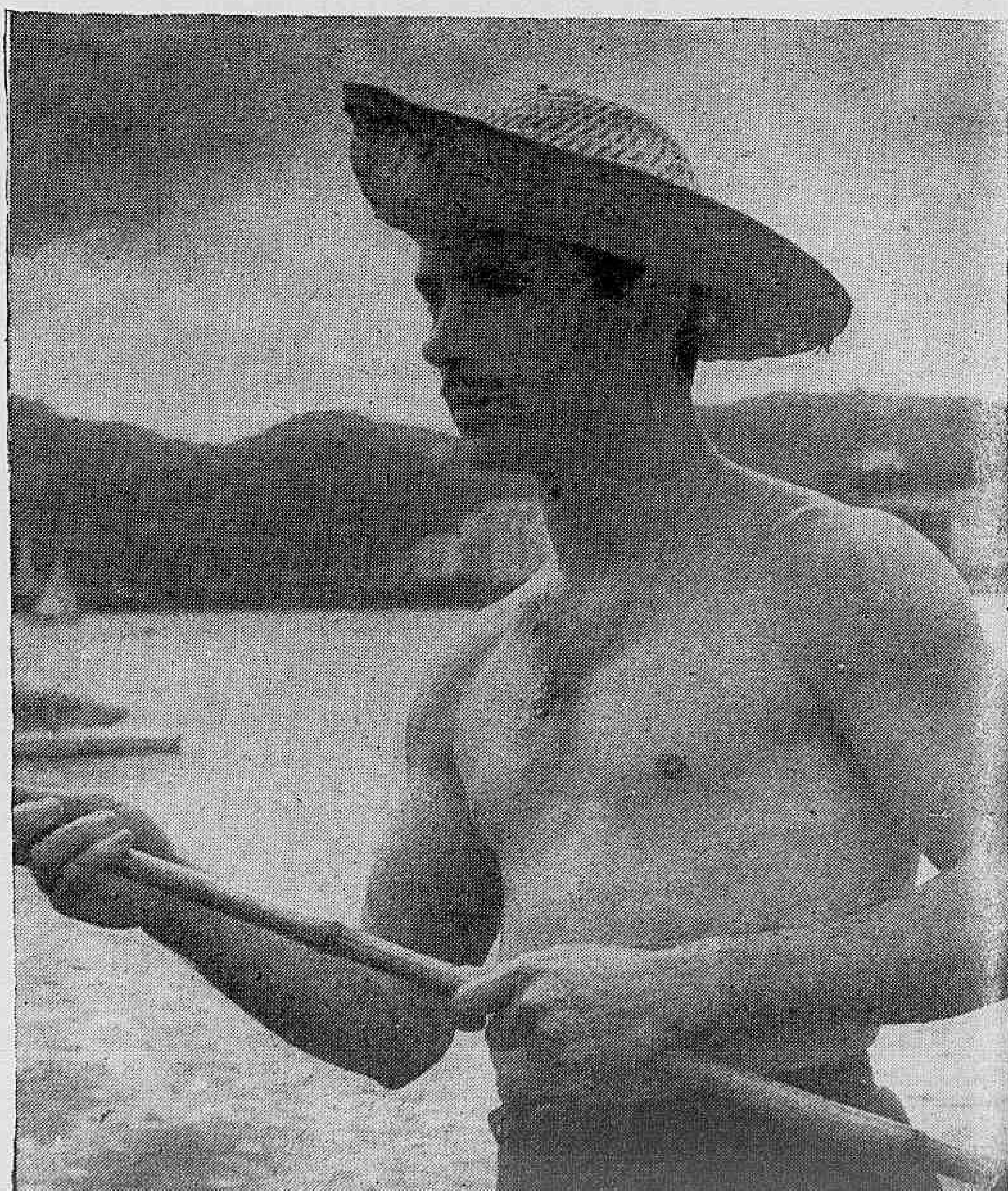
★

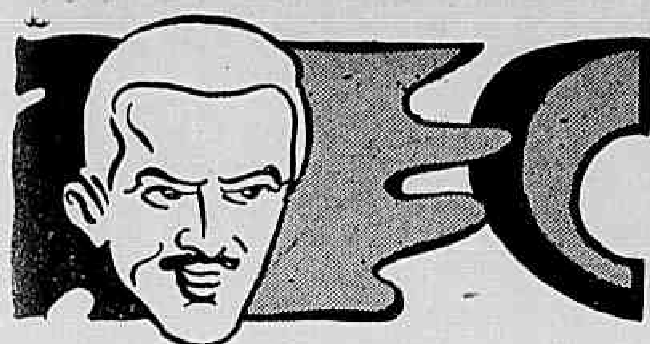
Vejamos mais algumas alcunhas pitorescas, para encerrar esta breve relação. (Se fôssemos enumerar tôdas elas, o espaço dedicado às coisas do rádio nesta revista seria insuficiente). O locutor esportivo Antônio Cordeiro é o "Abóbora d'água" da Rádio Nacional; Arnaldo Amaral, conquanto seja um tipo de galã, tendo, como tal estrelado muitas películas do cinema brasileiro, é chamado de "Sapo"; Júlio Reverendo, devido à "Oração da Ave Maria", é o "Reverendo"; Raul Longras, locutor esportivo da A-3, é o "Azeitona", dado o seu tipo enxundioso; Hamilton Pacheco, naturalmente devido ao personagem que interpreta há tanto tempo, é tratado pelos colegas de emissora por "Quati"; Radamés Celestino e Ronaldo Magalhães, pela mesma razão, são chamados de "Tunicão" e "Ling-Tung", respectivamente; Hélio Ribeiro, um dos primeiros rádio-atores da Tamoio, é o "Jaguar"; Duarte de Morais é o "Bôlo fôfo"; Geraldo Romualdo, comentarista esportivo da Rádio Globo, é o "Bobina"; Ademilde Fonseca é a "Betty Boop"; Aldo Madureira, elemento de proa da Rádio Tamoio, é o "Macaco"; Léo Villar — lembram-se dêsse "crooner" no conjunto "Anjos do Inferno"? — é o "Melão"; Renato Murce é o "Príncipe submarino" (reparem na semelhança entre o produtor da E-8 e o herói das histórias em quadrinhos); Manoel Barcelos é o "Estufadinho" em qualquer lugar; Nilo Sérgio é o "DKW", dado o seu tamanho; e, finalmente, Floriano Faissal tem o mesmo apelido de Jair De Taumaturgo: "Lagartixa".

Ademilde Fonseca é a «Betty Bopp» da Rádio Tupi



Apesar de quase gago, Nelson Gonçalves ganhou a alcunha de «Metralha»...





Chacrinha Musical

de ABELARDO CHACRINHA BARBOSA

NOTAS AOS PEDACINHOS

Todos os artistas da Victor gravaram seis músicas. Sòmente Linda gravou sete. — Uma nova dupla de compositores está formada, Manèzinho Araújo e Carvalinho. — A dupla preferida de César de Alencar vai fazer misèrinhas. — Ontem fui a um almôço a moda nortista na casa do meu grande amigo Manèzinho Araújo. O almôço estava delicioso. Presentes vários amigos do peito do Rei das Emboladas. — Dona Neném, qualquer dia dêsses o Chacrinha vai aparecer aí no Flamengo. — Emilinha, agradeço de todo o coração para a ceia que você me convidou no seu novo e maravilhoso apartamento em Copacabana. — Telefone quando quiser. A Chacrinha é sua. — O Pato Prêto gravou dois números para o carnaval. — Qual o novo endereço do Magione? — Léo Vilar fêz um contrato separado para gravar sòzinho na Star. — O Vitali anda em grandes atividades. Êste homem é uma potência. — José Batista está providenciando para que o seu repertório dê a nota no carnaval de 53. — Flora Matos está com u'a marchinha de José Batista e Peterpan aonde estás. O Peterpan ficou rico e mudou.

OS DISCOS PREFERIDOS

por Zé Gonzaga

Baião Caçula — Mário Genari Filho.

Adeus Mariana — Pedro Raimundo.

Cigarro de Paia — Luís Gonzaga.

Vida de Lampeão — Caxangá e Sanica.

Ave Maria de Vaqueiro — Pato Prêto.

Casamento sem Tostão — Araci Costa.

Sertão do Piauí — Manuel Macedo.

Baião das Alagoas — Zé do Norte.

Depois do Baile — Roberto Silva.

Vassourinhas — Orquestra Tabajara.

Atenção leitores! Hoje vamos falar e apresentar as últimas novidades para o carnaval de 1953... No próximo número faremos apreciações e escreveremos detalhadamente sôbre as músicas do Carnaval do Ano que vem. Tá Bem?...

★

«Saca o Pão», marcha e «Barnabé», samba de Ubirajara Mendes, formam o primeiro disco de Virgínia Lane, que o ano passado brilhou de ponta a ponta, com o seu «Sassaricando». Será que Virgínia repetirá o mesmo carnaval de 52? Vamos aguardar...

★

Roberto Silva, o Príncipe do Samba, gravou «Tenho Razão», samba de Erasmo Silma e Jamelão, e «Mágoa», samba de Geraldo Queroz, Raimundo Olavo e A. Pinto. Ainda não ouvimos bem as duas músicas de Roberto, mas Erasmo, catedrático no assunto, afirma e Jamelão aprova que o samba «Tenho Razão», poderá abrir uma flor...

★

«Vai levando», batucada de Ataúlfo Alves e José Batista e «Não me deixe», samba de Mirabeau A. Pinto e Manuel Vaz. Carmen está bem armadinha.

★

Léo Vilar, sòzinho gravou dois números, que segundo dizem, são duas bombinhas para o carnaval. Tomem nota: «Vai saudade», samba de Irani de Oliveira e Ari Monteiro e «Baile de Rico», batucada de Roberto Martins e Arnaldo Passos O Léo está ótimo.

★

«Eu amava uma mulher», samba de Haroldo Lôbo e Milton de Oliveira e «Direito de Nascer», samba de Albertina da Rocha e Arnô Canegal, são os dois primeiros números de Jorge Veiga, o malabarista do samba. Acompanhamentos pelo famoso Astor.

★

Para as fãs de Gilberto Alves, as suas duas músicas de carnaval: «A vila não morreu», samba de Aldacir Louro e Anício Bichara, e «Até amanhã», samba de Noel Rosa. Gostamos dos dois sambas de Gilberto, que acertou em cheio regravando o samba do inesquecível poeta de Vila Isabel.

★

Agora os números do impagável Colé. Primeiro «Cachaça», uma marchinha muito boa ao lado de Carmen Costa, e «O bode está», isto é, «O bode está sôlto», com Colé sòzinho. Temos uma ligeira impressão de que a marcha «Cachaça» pegará em cheio.

★

Os Cariocas, o simpático conjunto do Ismaelto, apresenta o samba «Vai», de Haroldo Lôbo, Sebastião Gomes e Milton de Oliveira, e «Último tostão», samba de David Raw e Vitor Simon, dois compositores de primeira linha da terra da garoa. Os Cariocas pretendem dar um banho no carnaval do ano que vem...

★

Os dois números da querida dupla Joel e Gaúcho, campeões muitas vêzes dos carnavais cariocas: «Senhor Cabral», marcha de Pedro Caetano e Cláudia Sandoval e «Virou cabeça», samba de Cláudia Sandoval. Joel falando ao Chacrinha declarou que não perderá para ninguém o ano que vem... Até rimou...

★

Pelos Copacabana, com Roberto Luna, artista da P.R.E. Neno, «Minha casa é meu chapéu», samba de Geraldo Queiroz e Henrique Leoni, e «Pode voltar», samba de Geraldo Queiroz e Wilson Lopes. O primeiro disco dos Capacabana e Roberto Luna está bem bonzinho. Procurem ouvir.

★

«Tenha pena de mim», samba de Anício Bichara e Aldacir Louro e «Mestre da Vila», samba de Paulo Marques e Odon Russo, são as duas criações de Ângela Maria, a estrêla morena da P.R.A.9. Ângela ainda não apareceu no carnaval. Êste ano, ela pretende cartear o baralho. Vamos entrar no joguinho juntamente com Ângela Maria, assim falou Heleninha Costa.

★

Os números de carnaval de Geraldo Pereira, o cantor-compositor: «Fiz tudo», samba de Raimundo Olavo e Geraldo Queiroz e «Tombou do chapéu», samba de Arnaldo Passos e Alberto Rêgo. Como sempre Geraldo não gravou para o carnaval números de sua autoria. Muito bem Geraldo... Procedendo assim você mostra que é inteligente...

★

Para as fãs da cantora que usa franginha na testa, «Não consigo esquecer», samba de Geraldo Pereira e Arnaldo Passos, e «Barracão», samba de Luís Antônio e Teixeira. Ismael está radiante com o rendimento da Heleninha nestes dois números e tudo fará para que sua espôsa do coração abra uma flor no carnaval do ano que vem... Um belo casal... Heleninha e Ismael.

★

Para as fãs de Linda Batista: «Abre a porta São Pedro», samba de Armando Cavalcante e Klecius Caldas, e «Zé Carioca», samba de Armando Cavalcante e Klecius Caldas. Linda está com tudo e está prosa... Tem tôda razão...

★

Ainda não recebemos os discos de carnaval de Francisco Carlos, Emilinha, Marlene e Jorge Goulart. Estamos anciosos aguardando as bombas carnavalescas dos nossos amigos. Dizem que Emilinha vem fervendo, Jorge Goularte pegando fogo e Chico Carlos completamente dono do mercado, o absoluto como o diz muito bem seu padrinho Humberto Teixeira.

★

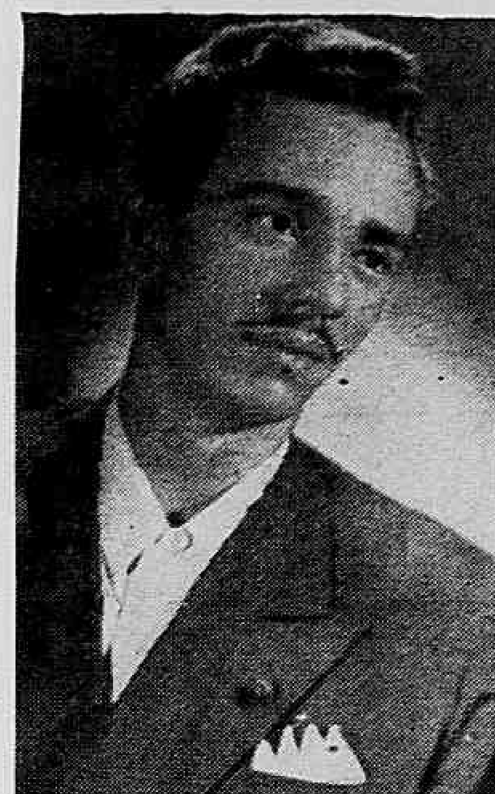
O Trio de Ouro apresenta «Sereno», samba de Herivelto Martins e Nelson Gonçalves e «Noite Enluarada», samba de Herivelto e Heitor dos Prazeres Filho. Um aviso de Herivelto aos demais competidores: «Êste ano o Trio não respeitará nonguém.. Saiam da frente porque o Trio vai deixar muita gente boa chupando o dedinho na curva de chegada»... Será que Dalva leu êste aviso? Se não leu avisem para que ela leia com tôda atenção... e passe a frente...

★

Segundo Oldemar Magalhães a S.B.A.C.E.N. e a U.B.C. pretendem cobrar o direito autoral do carnaval de comum acôrdo. Será?...

★

Anício Bichara está armada até os dentes para enfrentar com todo carinho os seus concorrentes.



Quadro de Honra

Figura no nosso "QUADRO DE HONRA" desta semana, o simpático Luís Vieira, pela sua interpretação cem por cento no baião de sua autoria "O Retirante". Ao Príncipe do Baião os parabéns do Chacrinha. Luís prá frente é que se anda. E você está caminhando a passos largos para o estrelato.

Paquito, Romeu Gentil, Luís Soberano, os três (...............) estão fumando uma caixa de charutos Palhaço por dia. Muito bem... Para frente é que se anda feito caranguejo...

★

Em janeiro Chacrinha dará sua quinta festa no Teatro Carlos Gomes, com um desfile sensacional de astros e estrêlas do Rádio Brasileiro. Aguardem maiores detalhes. A lista para assinatura dos astros e estrêlas que desejem tomar parte na QUINTA FESTA DO CHACRINHA, estão a disposição dos mesmos na Rádio Tamoio no mesmo horário e nos mesmos dias dos anos anteriores.

★

A Sinter acaba de lançar os seus primeiros discos para o carnaval de 53. Falaremos dos discos da Sinter no próximo número.

RECOMENDAMOS PARA A SUA DISCOTECA

CHICO VIOLA — Samba — Linda Batista.

MUNDO CEGO — Samba — Dircinha Batista.

ÚLTIMA SERESTA — Samba — Nelson Gonçalves.

OS DIAS QUE LHE DEI — Linda Rodrigues.

ACONTECEU — Samba — Emilinha Borba.

MEU ROUXINOL — Waldir Azevedo — Dalva de Oliveira.

MENGO — Chôro — Waldir Azevedo.

CADILAC ENGUIÇADO — Trio de Trombone da Orquestra Tabajara.

AVISO PRÉVIO — Samba — Risadinha.

FÃ NÚMERO UM — Black-Out.

SUCESSOS da SEMANA

ÍNDIA — Guaraína — Versão brasileira — Cascata e Inhana (dupla paulista).

SENHORA — Bolero — Versão brasileira — Dircinha Batista e Gilberto Milfont.

FIM DE COMÉDIA e KALU — Samba — Baião — A. Alves e Humberto Teixeira — Dalva de Oliveira.

MANO A MANO — Versão brasileira — Albertinho Fortuna.

NOSTALGIAS - Tango - Versão brasileira - Orlando Correia.

A MÚSICA QUE EU NÃO OUVI — Samba — Ismael Neto e Luís Bitencourt — Emilinha Borba.

SOU TÃO FELIZ — Samba — Peterpan — Dóris Monteiro.

ATÉ AMANHÃ — Samba — Noel Rosa — Gilberto Alves.

CHICO VIOLA — Samba — Nássara e Wilson Batista — Linda Batista.

PORORÓ — Chorinho — Raul de Barros — Raul de Barros

Para Você Cantar

ENTRE NÓS
(Samba-canção)

De Luis Bonfá. — Gravação de Lúcio Alves

Nosso amor
Foi um tormento
Mesmo depois que terminou
E não saiu do pensamento
Porque o destino assim traçou.

O nosso amor foi ilusão
Que muito fere o coração
E deixa sempre lembrança cruel
De um passado que passou.

Não sentirei o teu calor
Não sentirás o meu beijo
Esquecerei... esquecerás
Tudo que foi tão fugaz
Entre nós.

★

S O M O S
(Bolero)

De Mário Cavett — Gravação de Gregório Bárrios

Después que besamos
Con el alma y con la vida,
Te fuiste por la noche
De aquela despedida...
Y yo senti que al irte
Me pecho sollozaba
La confidencia triste
De nuestro amor, asi...
Somos um suenos imposible
Que busca la noche
Para olvidar-se del mundo,
De Dios y de todo...

Somos en nuestra quimera do-
[liente y querida,
Dos hojas que el viento junto en
[el otono
Somos dos seres em uno que
[amado se muere
Para guardar en secreto lo mu-
[cho que quiere...
Pero que importa la vida, con
[esta separación?
Somos dos gotas de llanto en
(una canción
Final
Nada más que eso somos
Nada más!

★

B O A T E
(Samba-canção)

De Francisco Alves e René Bittencourt — Gravação de Aracy de Almeida

Porque me vêem bebendo
Numa boate vulgar,
Julgam que eu ando vendendo
O amor que devia dar.
Vendi-me sim, ao primeiro
Que se aproximou de mim.
Vendi amor verdadeiro...
Por isso é que eu bebo assim.

Perguntem àquele homem
Que teve dinheiro e glória,
Se as mágoas que o consomem
Não contam a mesma história...
Se o seu sofrer não tem pausa,
Eu devo sofrer com êle,
Que bebe por minha causa,
E eu bebo por causa dêle.

PRIMAVERA
(Samba-canção)

De Ary Monteiro e Catão — Gravação de Alcides Gerardi

Primavera
Bendita estação do ano.
Primavera
Que faz viver o coração humano.
Primavera
Que revive a mocidade.
Primavera
Que faz esquecer o desengano.
Quem me dera
Viver sòmente em primavera
Na ilusão
Da eterna mocidade.
Primavera
Cheia de beleza,
Primavera
Cheia de felicidade.

★

ROSA NEGRA
(Bolero)

De J. Agueros e R. Lambertucci — Gravação de Pedro Vargas

Tristeza del Ayer
Obsesión de aquellos anos locos
Doliente floración
De un amor
Que nunca pudo ser
Espuma de dolor,
Realidade
Que deja un mar de llanto
Sobre la playa gris
De mi desolación.
En mi peregrinar
Sin cesar
Como una sombra inquieta,
He visto marchitar
Sin piedad
Mi más querida flor
Y pude comprender
Que el dolor
De aquela ROSA NEGRA
Con su destino cruel
Mató mi corazón.

★

WITH A SONG IN MY HEART

Do filme "Meu Coração Canta", versão de Claribalte Passos — Gravação de Zezé Gonzaga

Eu só amo você
Eu não sei que fazer
Sem amor...
Só desejo você
Jurarei, se quiser,
Pode crer...
Pra você eu fiz
A melhor das canções
Eu só quero você
Amor.

Não esqueço você
A lembrança não quero perder
Dêste sonho de amor
Que uma vida encheu de calor
O meu coração é apenas seu.
Eu adoro você
Amor.

ONDE ESTAVA EU
(Samba)

De Nóbrega de Macedo e José Batista — Gravação de Nelson Gonçalves

Onde estava eu
Que te deixei partir
Onde estava o Sol
Que te beijava de manhã
Onde estava Deus
Que abençoava o nosso amor
Onde estava a Lua
Nossa amiga nossa irmã
Nenhum de nós te prendeu
Nem a Lua nem o Sol
Nem Deus nem eu!

Eu estava cego
Quando o meu amor partiu
Hoje sinto a falta
Que ela me faz
O meu coração
Que não se definiu
Agora não me deixa
Um só minuto em paz
Nenhum a ti prendeu
Nem a Lua nem o Sol
Nem Deus nem eu.

★

D E S E J O
(Samba-canção)

De Otho Russo e Paulo Marques — Gravação de Ângela Maria

Os meus lábios
Só desejam os lábios teus
Os meus braços
Só desejam os braços teus
Quando estás a meu lado
Ou quando estás ausente
Eu confesso
Em meu peito estão presente.

Meu amor
Não me deixes no meio da es-
[trada
Só nós dois
Findaremos a nossa jornada
Os meus lábios
Só desejam os lábios teus.

★

UM DIA EM PAQUETÁ

Que dia feliz
Eu passei com o meu amor,
Lá em Paquetá!
Onde as ondas batiam
E nas pedras faziam
Chuá... Chuá...
Provei o seu beijo
Senti meu desejo
Se multiplicar,
A ilha sorria
E até parecia
Conosco sonhar...
O mar enciumado,
Por ver a meu lado
Dois olhos azuis,
Queixara-se à lua,
Que a tudo inundou
Numa festa de luz!

E' doce e bonito,
No mar infinito
Um barco a vogar,
A gente admira,
Porque nos inspira
O desejo de amar;
O amor de verdade
Que deixa saudade
E nos faz recordar,
Um dia feliz,
Que o destino quis
Nos presentear!!!

Senhora!
Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua
HIGIENE ÍNTIMA
Metrolina
ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

RÁDIO NOVELA

de JOSÉ FERNANDES

AS ROSAS de MARIA ANGÉLICA

CAPÍTULO X

. . . .

Ao amanhecer do dia seguinte, tôda a cidade já sabia do que acontecera na casa de Maria Angélica. Na noite anterior, quando chegara em casa, Padre Luís contara o incidente à sua velha criada, e isso bastou para que em pouco tempo a notícia começasse a correr de bôca em bôca. Assim que raiou o dia, os primeiros curiosos começaram a chegar...

. . . .

RAIMUNDA — A senhora não vai lá fora, d. Malvina?

MALVINA (Enraivecida) — Não. O Mendes vai. (Irônica) — Vai explicar como foi que o milagre aconteceu. Vá, Mendes... vá lá fora explicar o seu milagre!

MENDES (Embaraçado) — Ora, Malvina... Você tem umas atitudes esquisitas... Que tem isso?

MALVINA — Não tem nada! Mas agora a gente não vai ter mais sossêgo! O dia inteiro a casa vai ficar cheia de desempregados que não têm o que fazer e vêm bisbilhotar!

MENDES — D. Raimunda... vá lá fora, por favor, e diga que estamos muito ocupados... que nos desculpem... e que voltem mais tarde...

RAIMUNDA — Está bem. Mas êles vão sair falando... O senhor sabe êsse pessoal daqui como é.

MENDES — A senhora dê uma desculpa... temos doença em casa... tudo está tão atrapalhado...

RAIMUNDA — Vou ver. Mas êles vão sair falando...

MALVINA — Está satisfeito, Mendes? Isso é só o princípio...

MENDES — Mande ao armazém buscar os mantimentos. Vou à farmácia levar esta receita.

Enquanto isso, na rua, os comentários fervilhavam A opinião pública se dividia em três facções: havia os crentes, que acreditavam num milagre, os incrédulos, que viam naquilo u'a mistificação, e os leigos que não se manifestavam a respeito. Até então o assunto predominante era o acidente verificado na escola paroquial, quando diversas crianças morreram ou ficaram feridas sob a parede que desabara, mas agora todos se voltavam para o estranho caso de Maria Angélica...

....

HOMEM (Cético) — Eu não acredito nessa história. Para mim, tudo isso não passa de uma farsa, de um embuste.

MULHER (Crente) — Não... tudo é possível neste mundo. A gente vê tanta coisa esquisita acontecer, que o remédio é mesmo acreditar.

....

HOMEM I — Que é que você acha disso?

HOMEM II — Eu... para falar francamente, não sei. (Pensativo) — Aquela menina é mesmo muito estranha. Tem u'a maneira diferente de olhar, de falar... e nem parece que pertence a êste mundo.

HOMEM I — E'... O padre Luís afirma que assistiu a tudo desde o princípio... desde quando ela nasceu. E a gente não pode duvidar da palavra do padre Luís...

....

Dr. MACEDO (Incrédulo) — Eu não creio nessa história. Aprecio o padre Luís... sei que é uma boa pessoa... mas êle não venha me dizer que se deu um milagre na casa do Mendes...

FARMACÊUTICO — E', dr. Macedo, eu também não creio nisso não. E por falar no Mendes, quero só ver se agora êle vem me pagar o que me deve.

Dr. MACEDO — Eu, quanto à receita que lhe fiz para a filha, nem espero que me pague. Já estou habituado a dar receitas gratuitas para essa gente...

FARMACÊUTICO — E a menina? Tem cura?

Dr. MACEDO (Pensativo) — Não sei. E' um caso muito sério. E é uma pena, coitadinha. Faz dó. O Mendes veio buscar uns remédios que receitei?

FARMACÊUTICO (Contrafeito) — Veio. Veio ontem, mas já estava devendo muito... e eu não pude mais vender a prazo. O sr. compreende, dr. Macedo... Tudo está caro, a farmácia já rende muito pouco... Se a gente fôr vender a prazo para todo o mundo, em pouco tempo não fica nada nas prateleiras.

Dr. MACEDO — E'... Mas que se há de fazer?... A vida é assim mesmo. Dizem que sou isso e mais aquilo... mas sempre faço o que posso. Dou a receita. O resto é com o senhor. Olhe... O Mendes vem aí.

MENDES (Respeitoso) — Bom dia. Bom dia, dr. Macedo.

Dr. MACEDO — Bom dia, Mendes.

MENDES — Levantou-se cedo hoje, doutor...

Dr. MACEDO — E'. Fui ver um doente lá do outro lado... O Artur, filho do coletor.

MENDES — Está doente? Que tem êle?

Dr. MACEDO — Está muito mal. Acho que não escapa.

MENDES — Oh... coitado...

FARMACÊUTICO — Trouxe a receita?

MENDES — Trouxe... E o dinheiro também. Quero lhe pagar o que lhe devo.

FARMACÊUTICO — Ah, muito bem. Deixe ver. E a menina? Como vai?

MENDES (Contristado) — Acho que vai mal... Tem piorado muito... Vamos ver se com êstes remédios ela tem u'a melhorazinha...

Dr. MACEDO — Melhora, sim. Pelo menos, não sofrerá tanto, até que...

MENDES (Ansioso) — Ahn? Até que...?

Dr. MACEDO — Mendes, o caso da sua filha é muito sério. Vou lhe falar francamente... e espero que não fique ressentido comigo.

MENDES — Fale, doutor.

Dr. MACEDO — Pois bem. E' o seguinte. Ela se salve ou não, o fato é que não poderá andar mais. Sofreu esmagamento da bacia e tem a espinha sériamente afetada. Uma pessoa nessas condições, mesmo que não ande, vai ficar penando a vida inteira. Enquanto você viver, há-de vê-la sofrendo em cima da cama, sem esperanças de alívio. Você deseja isso?

MENDES — Não é possível, doutor... Por que o senhor é tão cruel comigo?

Dr. MACEDO — Eu? Estou apenas lhe prevenindo, meu caro.

MENDES — Compreendo. Quer dizer que... que o senhor acha que eu devo deixá-la morrer...

Dr. MACEDO — Compreenda o que quiser. Já fiz a minha parte.

MENDES — Oh... Tão nova, coitadinha!

Dr. MACEDO — A propósito... Segundo consta... ontem aconteceu um milagre em sua casa... e me parece que foi com a sua outra filha... aquela mais nova...

MENDES — Não sei se foi milagre, doutor. Mas o fato é que ficamos muito impressionados.

Dr. MACEDO — Ahn. Então? por que não pede à menina para fazer outro milagre e salvar a sua filha?

MENDES — Desculpe, doutor... Prefiro não discutir êsse assunto. Com licença. Eu passarei depois para levar os remédios...

....

Dr. MACEDO — Parece que êle não gostou da brincadeira...

FARMACÊUTICO — E'... Saiu bem contrariado. Ainda bem que me pagou o que devia. E isso era o mais importante.

....

VENDEIRO — Que quer, menino?... Já falei com o seu pai que não vendo mais fiado pra ninguém.

JORGE — Eu trouxe o dinheiro, seu Francisco. Não precisa ficar pensando que não vamos pagar.

VENDEIRO — Ah, ainda bem. Isso é outro caso. Que é que vai levar?

JORGE — Olhe aqui a lista. E o dinheiro também.

VENDEIRO — Deixe ver esta nota. Não está me cheirando bem não. Não tenho muita fé com dinheiro de milagres...

JORGE — O senhor tem alguma coisa com isso? Se ficar com muita amolação, eu acabo não pagando nada e indo comprar noutra venda. Quer ver?

VENDEIRO — Ora, estou brincando, menino. Não leve a mal. Me dê a lista... vou buscar os mantimentos.

....

Era esta a situação dominante na cidade. Desconfiança, incredulidade, desprêzo pelos fatos estranhos que se deram com Maria Angélica. Muito poucos viam naquilo um desígnio da Providência, u'a mensagem do céu. A família da menina viveu uma fase de grande agitação, pois quase todos queriam esmiuçar o ocorrido, ávidos de motivos para comentários maledicentes. Enquanto isso, graças ao tratamento iniciado, Glorinha começou a melhorar.

....

MARIA (Feliz) Estou muito contente por você estar melhorando, Glorinha. Se você já pudesse levantar, hein?

GLORINHA (Triste) — Acho que não vou poder levantar não, Maria Angélica. O dr. Macedo disse que vou ficar assim muito tempo. Talvez a vida tôda.

MARIA — Não... Não acredite nisso não, meu bem. (Segredando) — O dr. Macedo é muito enjoado... e fala assim só para amolar a gente.

GLORINHA — E aquela senhora? Você a encontrou novamente?

MARIA (Triste) — Não. Nunca mais. Já a procurei em tôda a parte... e ninguém sabe quem é. Seria tão bom se eu a encontrasse de novo!... Queria agradecer a ela o bem que nos fêz!

GLORINHA — Maria Angélica... e o Artur?... Sabe notícia dêle?

MARIA — Está muito mal. Papai disse que êle já foi desenganado...

GLORINHA (Triste, soluço na voz) — Oh... não é possível... Tem certeza?

MARIA — Não sei... O papai diz que sim.

GLORINHA — Oh... não... eu gostava tanto dêle... Não queria que êle morresse!...

Quando fala o CORAÇÃO

TIA LAURA

DESILUDIDO (Minas) — Se você não tiver um pouco de habilidade, perderá essa criatura a quem tanto ama. Tente ser carinhoso. No princípio será difícil, bem sei, mas quando menos esperar terá se tornado um homem terno e carinhoso.

★

CHANDOCA (Estado do Rio) — Você mostrou ser de fato uma pequena ajuizada. Não podia ter agido de outra maneira. De parabéns pois, o homem que vai ser seu marido.

★

LÚCIA (Rio) — Não, minha querida sobrinha, êsse homem não merece os sacrifícios que você tem feito por êle. Conforme pude observar na sua cartinha, êle está apenas querendo se aproveitar de sua bondade. Fale com êle e, se não quiser concordar, termine de uma vez. Será o melhor caminho a seguir.

★

NAIR (Minas) — Em parte, êle tem razão. Não é aconselhável manter relações de amizade com a família de seu ex-noivo. Faça pois o que êle lhe pede o que é, aliás, muito justo.

★

MAGNÓLIA (S. Catarina) — O melhor é não insistir. Case-se só no civil. Além disso, quando você o conheceu, já sabia que êle era de religião diferente. Faltam 4 meses ainda e é possível que até lá, você conversando com jeito, faça mudá-lo de idéia.

★

MARY (Rio) — Por favor, escreva uma carta mais detalhada, contando se realmente gosta dêle, quando terminou o namôro e qual a causa.

★

IRANY (Rio) — Minha querida sobrinha, não fique tão desanimada e deixe de pensar nessas coisas tristes, pois você é muito nova ainda e por certo encontrará seu príncipe encantado.

★

MARIA DE LOURDES (S. Paulo) — Pode mandar o cartão sem receio. Pelo contrário, êle ficará até muito satisfeito com a sua lembrança. Aproveite para convidá-lo a passar o Natal em sua companhia.

★

ROGÉRIO (S. Paulo) — Você devia sentir-se orgulhoso por saber que ela o ama, portanto, não custa arranjar um telefone para tranqüilizá-la, quando você não puder ir jantar em casa. Se você soubesse quanto significa uma palavra de zêlo, de atenção, quando estão fora do lar, por certo já teria feito êsse sasacrificiozinho.

★

SUELY (Minas) — Muito grata por suas palavras gentis e escreva sempre que precisar de qualquer conselho, pois será um prazer para a Tia Laura saber que está sendo útil aos corações sofredores.

Rádio Social

VAI FAZER AS PAZES...

Há uma radioatriz que («deram o serviço», confidencialmente, à Tia Laura) vai fazer as pazes com o marido. Para tanto, ela passará uma borracha nos antigos romances.

DEIXEM AS GARÔTAS EM PAZ!

Alguns elementos das Associadas Cariocas — pra que citar nomes se alguns dêles são casados? — estão dando «duro» nas garôtas da Televisão, umas pequeninas iguais à Tia Laura quando era brotinho, isto é, «fiu-fiu». Que diabo, isso não se faz...

O FLÁVIO VAI CASAR...

O pessoal da PRN-9 anda dizendo que a Sandra Ribeiro acabará levando o Flávio Fontoura ao altar. Tia Laura, que não perde uma oportunidade para comer uns docinhos, quer saber como é que vão as coisas para preparar a «toilette» para o grande dia...

O GODOFREDO ESTÁ FISGADO...

Fala-se à bôca pequena, nos corredores da Tupi, que a Neuza, aquela pequena graciosa do conjunto «As Três Marias», está caidinha pelo Godofredo Dantas.

Como o pessoal da PRG-3 não costuma mentir, estou inclinada a acreditar nos boatos a respeito.

AGUA PURA
SAÚDE SEGURA
VELAS
SENUN
ESTERILISANTE
FABRICADAS
PELO PROCESSO SENUN

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

CORPO ESBELTO E FACEIRO!

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar
SÃO PAULO
Remessas pelo Reembôlso.

ESTRÉIAS NO MUNDO DO CINEMA (Cont. da pág. 7)

que poderia descambar. «Camicie Rosse» narra a última jornada da vida de Anita Garibaldi ao lado de seu imortal companheiro, a épica marcha de um grupo de voluntários a quem o destemido revolucionário só prometera fome, luta sangrenta e morte. Em 1849, a jovem República Romana havia capitulado. Garibaldi se recusa a aceitar a derrota e à testa de seus homens agrega-se aos rebelados de Veneza, a última cidade ainda fiel aos ideais republicanos. Anita mais uma vez quer acompanhar seu herói e ao seu lado combate como qualquer um dos voluntários. O filme é uma reconstituição dessa marcha desesperada, que foi pontilhada pela deserção dos tímidos e pela morte dos corajosos. Mas Garibaldi não desiste e continua sua marcha para Veneza seguido de Anita e poucos homens que lhe permaneceram fiéis. No caminho, a mulher que se caracterizou por uma vontade férrea e um caráter intrépido morre nos braços de seu amado que continua sòzinho em sua jornada.

Prognóstico: — Não procuremos discutir a ortodoxia do tema, mesmo porque a importância capital do filme consiste em transplantar um quadro histórico aparentemente conhecido para uma condição humana igual à nossa. Condição em que o herói e a heroina são tratados menos como tais que como sêres humanos sujeitos a tôdas as vicissitudes de nossa existência. Anna Magnani, Raf Vallone, Jacques Sernas, Gino Laureni e Michel Auclair são os intérpretes dessa realização de Godofredo Alessandrini.

PECADO... (Cont. da pág. 17)

e quando descobre o roubo das jóias, Alexandre é pôsto em liberdade e as intenções de buscar o verdadeiro assassino por parte da policia, dão por perdidas as pistas.

Algum tempo depois Miguel parte em viagem, mas desta vez, parte só, porque Marta se nega a acompanhá-lo para ficar com o filhinho do casal. Agora tinha de pensar no futuro de seu filho, o filho daquele amor que fôra a razão de sua vida...

Passam-se os tempos...

Um dia, emagrecido e envelhecido, Miguel retorna saudoso de Marta e seu filho. Promete-lhes viverem juntos e retirados num povoado tranqüilo. Miguel sai e dirige-se para a loja de um judeu para vender a última jóia... No dia seguinte, Marta ao despertar vê que seu filho não está no leito. Levanta-se e corre para a sala. Ali chegando descobre-o no chão, junto com Miguel, armando as viaturas de um trenzinho, brinquedo que a criança de há muito desejava. Miguel se levanta e abraça-lhe. Pela janela, para a qual Marta está de costas, Miguel avista um carro da policia e dêle sairem vários detectives de pistola na mão. Ambos compreendem a situação. Miguel, com ternas palavras, se despede do filho e com verdadeiro amor se abraça com a mulher que sempre amara.

Horas e horas se passam... Com as primeiras sombras da noite, Miguel sai de seu esconderijo, mas é alcançado pelas balas dos policiais. Tomba morto numa poça de água. Marta, que procurava adormecer ao filhinho, corre para a janela e assiste ao trágico final de Miguel! Soluçando e emocionada, Marta se abraça com o filho, que passa a ser a razão de sua vida e a terna lembrança do homem que a amara, mesmo contra todos os preconceitos da sociedade!

A MORTE DO CAIXEIRO VIAJANTE (Cont. da pág. 12)

Linda ajoelhou-se ao pé da sepultura. "Perdoe-me, querido", murmurava. "Não posso chorar... Não compreendo como tenha acontecido... Para mim, é como se você tivesse partido para mais uma viagem. Fico esperando por você, Willy querido. Por que você fêz isso? Procuro e procuro encontrar o motivo, mas não posso compreender..." "Willy, eu fiz hoje o último pagamento da casa, mas já não existe ninguém lá..." Levantou-se lentamente e, quando se voltava para seus filhos e para Charley, as lágrimas inundavam seus olhos e os soluços cortavam-lhe a garganta.

Charley segurou-a pelo braço. "Willy era um caixeiro-viajante," disse quando todos se dirigiam para o portão do cemitério. "Um caixeiro-viajante é um homem que está sempre contente com a vida, com um sorriso nos lábios e com os sapatos sempre luzentes. E desde que êle começa a não mais sorrir — dá-se então uma catástrofe. Ninguém pode culpar êsse homem de coisa alguma. Um caixeiro-viajante nasceu para sonhar. E o sonho agora voltou para a terra... F I M

CHAGA DE FOGO (Cont. da pág. 8)

A história de Kingsley, através da cenarização de Robert Wyler (irmão do diretor) e Phillip Yordan e da realização de Wyler, manteve sua extraordinária fôrça e impacto. As diferentes histórias surgem independentes, desenvolvem-se sem se tocarem, para, no climax, chocarem-se violentamente, penetrando uma na outra e provocando o desenlace.

Sem sair de uma sala de delegacia a obra consegue trazer tôda a realidade da rua, tôda a sordidez do asfalto. Trabalhando com elementos e ingredientes exclusivamente *humanos* Wyler consegue ir ao *social* explorando os choques entre os Homens, explorando como tema, a Justiça que é a última arma em que se agarra uma sociedade para se manter. Entretanto, não podemos deixar de fazer reparos a um tom meio piegas no desenhar o personagem encarnado por William Bendix, com suas tiradas moralistas e éticas e aquela prece no final. E' o que empana a obra e a compromete.

Lògicamente, se o estilo de Wyler repousa na ação interna do "take", grande responsabilidade cabe aos atores. E êstes, sem dúvida, têm performances excelentes em sua média, magistrais nos casos especificos: Lee Grant, fazendo a cleptomaníaca com momentos de debilidade mental, numa extraordinária semelhança com Vivian Leigh em Blanche de Streetcar Named Desire e Joseph Wiseman, fazendo o tarado italiano, exuberante e irrequieto numa performance com laivos de genial, mas com momentos de tênues exageros.

Repousando, igualmente, em muito, na fotografia para conseguir as tomadas em profundidade e uma movimentação de câmera que quebre as barreiras das paredes mas que não seja sentida, Wyler encontra em Lee Carmes um auxiliar à altura, num verdadeiro trabalho de criação.

Música, inexistente, numa atitude estética a considerar.

(Parabéns à Paramount pela terceira grande obra neste ano).

A CEGUEIRA DE GREGÓRIO BARRIOS (Cont. da pág. 22)

ções e figurou no «cast» de diversas emissoras argentinas. Sua grande oportunidade, porém, surgiu quando êle gravou «Dos Almas», que fêz tanto sucesso que até se tornou paulificante. Daí para cá, sua carreira tem sido uma sucessão de êxitos.

— Os anos passaram — disse-nos Gregório, e os primeiros cabelos brancos de sua cabeleira nigérrima como que confirmam suas palavras — minha vida se modificou bastante, mas não deixo de ser sonhador, de tornar a fazer planos, de almejar viver novamente um pedaço da minha juventude. Os meus afazeres artísticos, porém, não o permitem. Por isso, se me fôsse dado escolher o meu destino, ao invés de cantor eu desejaria ser andarilho.

O nosso entrevistado é, pelo exposto, um veterano sempre jovem.

BRINCADEIRA PREJUDICIAL

Conversa vai, conversa vem, Gregório vai nos fazendo interessantes revelações. Diz-nos, por exemplo, que «Luna Llunera», «Dos Almas», «Alma Llanera» e «Final» foram os seus discos que mais venderam e que o gênero de música que prefere é o bolero dramático — bem dramático mesmo.

— Entretanto, não tenha favoritismo por esta ou aquela melodia do meu repertório, pois acho que cada um dos boleros que canto se adapta a cada momento da minha vida. Acho que o mesmo acontece com os apreciadores dêsse gênero musical.

Quisemos saber, depois, quais os países que o nosso entrevistado já tinha visitado.

— Já percorri tôda a América do Sul e a quase totalidade das nações da América Central. Até agora, porém, por motivos estranhos à minha vontade, não pude visitar o Paraguai, onde, também, o bolero é bastante apreciado.

Mudando de assunto, perguntamos se era verdade que êle estaria sofrendo da vista ou quase cego, como foi divulgado amplamente.

— Se daqui onde me encontro consigo ler o que você está escrevendo — êle se encontrava a uma distância de um metro mais ou menos e leu sem faltar uma palavra os nossos apontamentos — isso vem provar que nunca estive tão bem da vista. Para mim, os boatos que espalharam a respeito não passa de uma campanha sórdida de alguém que desejava prejudicar-me junto ao bondoso público brasileiro. A verdade nua e crua sôbre o caso é essa.

ADORA AS «BRASILEÑAS»

Em seguida, dada a freqüência com que êle nos visita, pedimos-lhe que nos dissesse que mais admira no Brasil.

A resposta veio rápida:

— Gosto imensamente de tudo quanto é brasileiro. Duas coisas, entretanto, se destacam nesta preferência: a natureza privilegiada e as adoráveis «brasileñas». E note-se: digo isto sem o intuito de parecer agradável aos que me têm acolhido com tanta cordialidade nesta terra maravilhosa. Se eu dissesse o contrário, estaria mentindo a mim mesmo.

Depois, para encerrarmos a entrevista, fizemos a Gregório Barrios a pergunta que muita gente gostaria de fazer-lhe:

— Você, vivendo tanto tempo na Argentina, nunca desejou cantar tangos?

— Digo-o com a maior sinceridade: jamais. E quer saber por que?

Não sabíamos. E êle mesmo respondeu à sua pergunta, concluindo o nosso bate-papo:

— Acho — e sempre achei — que a minha voz não se presta à interpretação do gênero que imortalizou Carlos Gardel, ou que êste tornou famoso..

RAUL BRUNINI... (Cont. da pág. 24)

O sacrifício, porém, não durou muito. Pouco tempo depois, o nosso Brunini passou a atuar em melhores horários, fazendo, às vêzes, algum programa noturno. Em seqüência, a direção do «Cacique», por julgá-lo um dos mais categorizados elementos da equipe de locutores da emissora, transferiu-o definitivamente para a programação noturna. Esta era a oportunidade pela qual ansiava o nosso herói. E quando lhe deram esta «chance», êle soube aproveitá-la, fazendo bonito e chamando a atenção do grande público para o seu nome.

UMA EXPERIÊNCIA QUE DEU CERTO

Acontece, entretanto, que Brunini não quis se ater à leitura de textos comerciais, aos comentários inflamados ou às líricas apresentações de novelas. Desejava fazer alguma coisa diferente para sair da rotina. Dêsse modo, demonstrando vontade de auxiliar nas transmissões esportivas da G-3, Ari Barroso aquiesceu de bom grado e designou-o para irradiar um jôgo do campenato carioca.

O resultado, como é óbvio, foi o melhor possível. Desde então, o locutor da gaitinha teve no jovem de Rio Claro um de seus auxiliares mais competentes.

MUDANDO DE POUSO

Após atuar alguns anos na Rádio Tupi, o irmão dêsse grande praça que é Luís Brunini veio a receber excelente proposta da Rádio Globo, que surgia disposta a enfileirar-se entre as primeiras emissoras da capital da República. Como o convite não fôsse de molde a merecer recusa, êle o aceitou sem titubear

Na estação do sr. Roberto Marinho, Brunini confirmou suas credenciais de excelente «annonceur», de locutor classe A, quer lendo comentários vibrantes sôbre palpitantes acontecimentos, quer animando programas ou irradiando encontros futebolísticos. Rapaz de sorte, tendo sofrido um acidente que infelizmente não o invalidou, pode ser apontado como um elemento vitorioso, cujo triunfo vem ratificar a assertiva de que todo aquêle que cumpre zelosamente as suas tarefas é sempre recompensado.

MATAR OU MORRER

(Cont. da pág. 14)

Amy e Helen avistam-se e, juntas, resolvem tomar o trem. Amy vem a saber dos próprios lábios de Helen que nada mais existe entre ela e Will. Fala-lhe ainda da coragem e da bravura do "marshall", espantando-se de que a espôsa o queira deixar naquele momento tão critico.

Meio-dia.

Os relógios batem as horas vagarosamente... Nesse instante, ouve-se o apito do trem que chega. A cidade inteira pára, hipnotizada. Esperando, esperando, esperando...

Se o trem apitar três vêzes é sinal de que alguém desembarca. Segundo apito, terceiro... Frank Miller salta. Seguido de seus três capangas, caminha para a cidade.

Will Kane vai pelas ruas desertas. O sol brilha forte e queima.

Tudo é luz. Tudo deserto... só a figura esguia, magra, e cansada do homem da lei. Will, animado apenas pela noção do dever, rosto tenso pela emoção, aguarda a chegada dos bandidos.

Contra êle, na distância, surgem Frank e seus três companheiros, de arma em punho.

Sòzinho, Will os enfrenta. Usando de estratégia, êle consegue matar os malfeitores. Quatro corpos se estendem pelas ruas... A própria Amy, que havia regressado, ajudara o espôso a matar um dêles. Sòmente ela, na hora do perigo, lhe dera ajuda.

Will e Amy tomam a carruagem e, sem olhar sequer para a gente da cidade, partem de Hadleyville.

Will olha para o futuro de cabeça erguida. Cumprira o dever, reagira, como homem e como cidadão, contra a ameaça e a fôrça bruta...

ELIZETE CARDOSO

(Cont da pág 26)

— Em seguida, passei um ano afastada do microfone, excursionando por todo o país como integrante da companhia teatral de De Chocolat. Nessa ocasião, além de me apresentar no palco, tive oportunidade de cantar nas emissoras das cidades que visitávamos. Quando regressei ao Rio, por motivos alheios à minha vontade e que não vale a pena esclarecer, estive afastada do rádio cêrca de 7 anos. Sòmente em 1947 fiz a minha «rentrée", cantando na Mayrink. Depois fui para a Guanabara e, desta, ingressei na Tupi, onde me encontro plenamente à vontade, tanto que reformei compromisso há pouco.

— É verdade que você já trabalhou no cinema?

— Ué! Você não sabia?! Pois fique sabendo que já apareci nos filmes "Coração materno", ao lado de Vicente Celestino e Gilda de Abreu, "Mulher do diabo" e "Rei do samba". Há convites para outras peliculas...

Depois, quisemos saber o que a nossa entrevistada achara da França, pois, como se sabe, ela foi uma das participantes das grandes festas realizadas em Deauville e Corbeville. Elizete, maneirosa como sempre, respondeu, encerrando a entrevista:

— Que poderia eu dizer da grande terra gaulesa, se muitos grandes escritores não conseguiram defini-las? Que poderia eu dizer de Paris, se muitos poetas não conseguiram dar uma idéia de seus encantos nas suas rimas? Mas como a coisa vai ficar sòmente entre nós e os leitores de A CENA MUDA, eis o que achei da França e de sua notável Paris: são as maiores!

CALVÍCIE PRECOCE
Como evita-la!
Juventude Alexandre
BELEZA e VIGOR DOS CABELOS
JUVENTUDE ALEXANDRE
Super eficaz contra QUÉDA DOS CABELOS

JOHN FORD...

(Cont. da pág. 11)

Ford realiza películas tão boas!» — dizia um dos coadjuvantes a outro, durante um dos intervalos das filmagens de «Depois do Vendaval». — «E' que êle é o seu próprio produtor tendo, portanto, autoridade absoluta nos filmes que dirige. E Mr. Ford possui inúmeros recursos para encaixar numa película, recursos êsses bem diferentes, às vêzes, do argumento da película».

John Ford já foi por três vêzes detentor do «Oscar» da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas — devido à sua direção em «The Informer», «Grapes os Wrath» e «Como Era Verde o Meu Vale» — e não será nenhuma surprêsa que a sua mais recente realização, isto é, «Depois do Vendaval», venha a conferir-lhe idêntico prêmio.

BIGODE
de SENHORAS e VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
FUNDADO 1926
AV. BRIG. LUIZ ANTONIO, 4289 - S. PAULO
PEÇA PROSPECTOS

ALBUM DE

a Cena *Muda*

PARA 1952

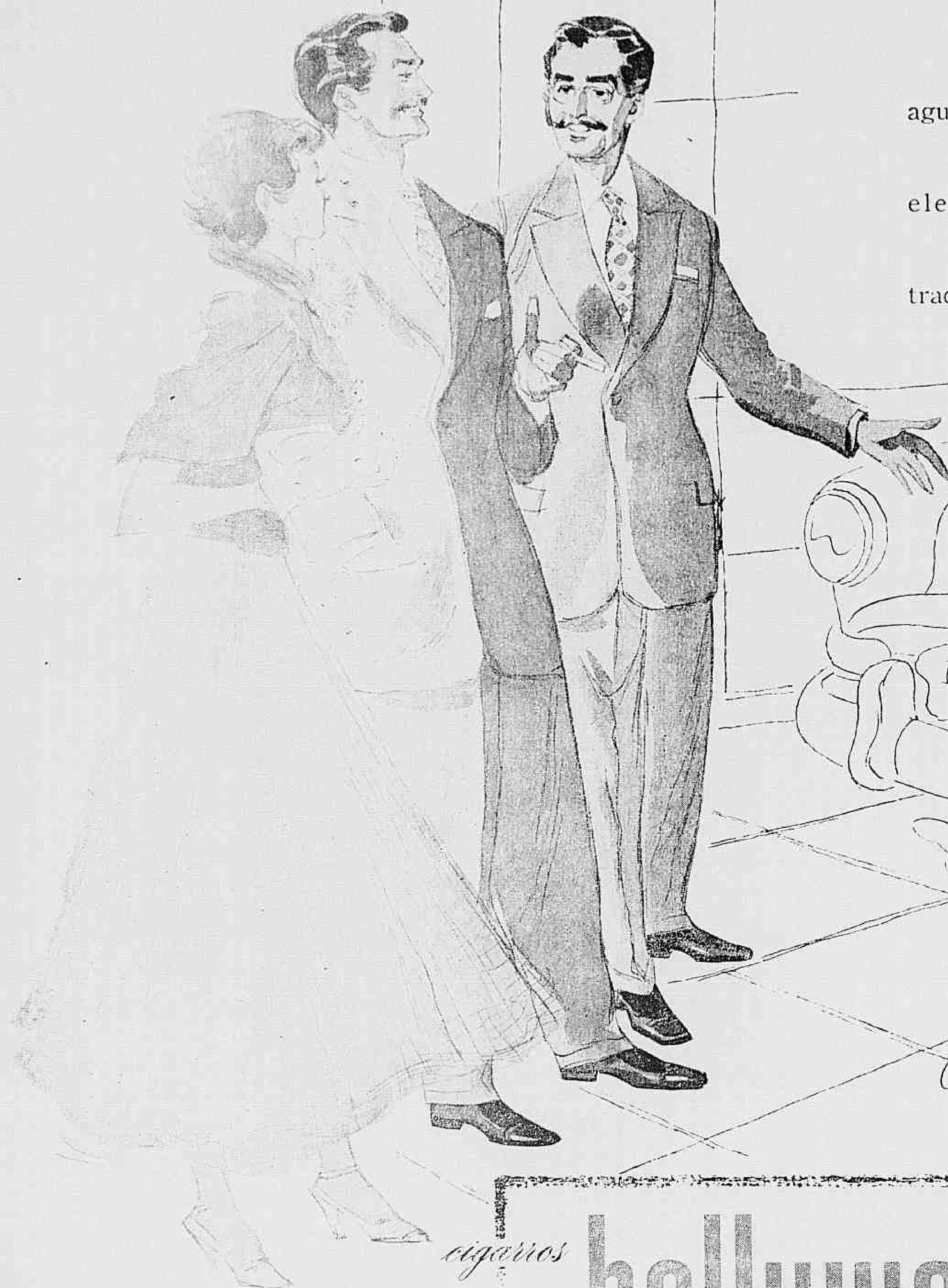
★ ★

COMPREM A GRANDE EDIÇÃO DO ÁLBUM DE A CENA PARA 1952

E' mais um maravilhoso presente aos fãs do Cinema, do Teatro, do Rádio e da Música. Fotografias dos artistas em tamanho grande com biografias completas. E muitas páginas coloridas, embelezam extraordinàriamente esta edição do «Álbum». Páginas de texto com história, notas e informações preciosas. À venda em todos os vendedores de revistas do Brasil, nas Capitais dos Estados e nas cidades do interior.

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA ★ RUA MARANGUAPE, 15 ★ RIO

★ ★

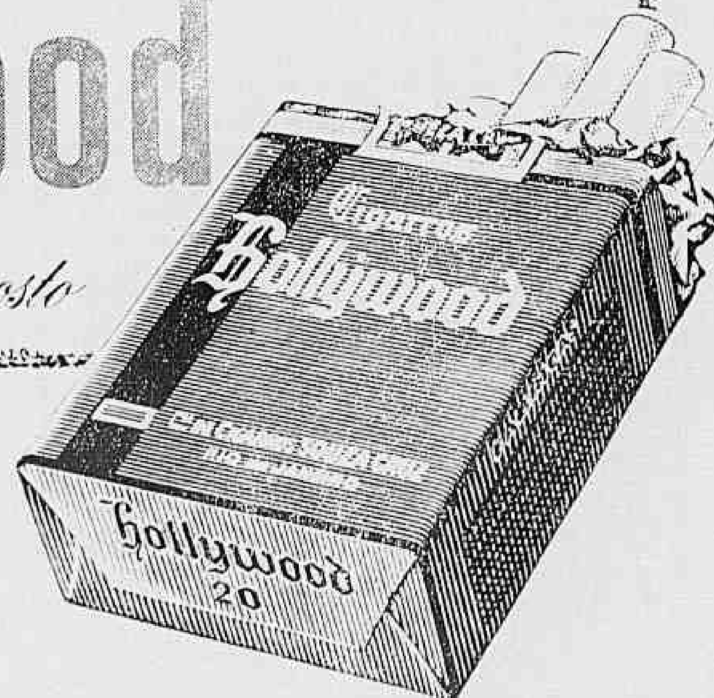


Uma legítima consagração...

O apurado bom gôsto e o agudo senso de seleção, peculiares aos que se distinguem pela elegância, deram aos cigarros Hollywood uma insuperável tradição de alta classe.

cigarros **hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.154